



RECORTES DE IMPRENSA

NOVEMBRO 2011



COM O APOIO:



SEXO FRACO? Quando um homem utiliza um maior poderio físico para coagir violentamente uma mulher, está a assumir-se como um mísero cobarde, porque não "luta de igual para igual". É caso para perguntar: afinal, quem é o sexo fraco?

Dizer "não" à violência contra a Mulher

É este mês, mais precisamente no dia 25, que se celebra o Dia Internacional para a Eliminação da Violência contra a Mulher. A propósito desta data, Mendes Bota, deputado na Assembleia da República em representação da região do Algarve afirmou, em comunicado, que gostava que Portugal fosse o primeiro Estado membro do Conselho da Europa a ratificar a Convenção para a Prevenção e o Combate à Violência Contra as Mulheres e a Violência Doméstica, aberta à assinatura no dia 11 de Maio, em Istambul, durante a Conferência Interministerial do Conselho da Europa. A Convenção – que foi aprovada – necessita de, pelo menos, dez ratificações para entrar em vigor sendo que oito delas

devem ser de Estados membros do Conselho da Europa. Mendes Bota descreve o documento como "abrangente, inovador e ambicioso", uma vez que cobre praticamente todas as formas de violência contra as mulheres, desde a violência doméstica, às violações, passando pela mutilação genital feminina, aos casamentos ou abortos forçados. A convenção estabelece ainda um conjunto de medidas que cobrem a prevenção, a protecção das vítimas e a punição dos seus agressores e é inovadora pois é o primeiro instrumento no mundo dedicado aos crimes da violência contra as mulheres e é também a primeira vez que um tratado internacional prevê a inclusão dos parlamentos no processo de monitorização

da sua aplicação e implementação. Nesse sentido, o deputado pretende saber se o Governo está disposto a promover o processo de ratificação que culminará com uma deliberação da Assembleia da República nesse sentido, acrescentando, no mesma nota de imprensa, que "seria um motivo de orgulho que Portugal conseguisse a proeza de ser o primeiro Estado membro do Conselho da Europa a completar o processo de ratificação, dando um exemplo aos demais parceiros europeus". Num comunicado dirigido à Presidente da Assembleia da República, Mendes Bota questiona ainda qual o ponto de situação em que se encontra o processo de ratificação da convenção.



Para além de deputado na Assembleia da República, José Mendes Bota é o Presidente da Comissão para a Igualdade de Oportunidades entre Mulheres e Homens da Assembleia Parlamentar do Conselho da Europa

Violência em Portugal

De acordo com dados de 2010 há, em média, 84 queixas por dia de violência doméstica em Portugal, sendo que, segundo a União de Mulheres Alternativa e Resposta (UMAR), um em cada três casos de violência doméstica resulta em absolvição.

Dados da UMAR revelam que entre Janeiro e Novembro do ano passado tinham sido assassinadas 39 mulheres, mais dez do que em todo o ano de 2009. É também de realçar que 64% das mulheres assassinadas foram vítimas de alguém com quem mantinham uma relação, 36% das vítimas tinham idades compreendidas entre os 36 e os 50 anos e 31% das mulheres pertenciam à faixa etária dos 24 aos 35 anos.

De acordo com a PSP e a GNR, apenas no primeiro semestre de 2010 foram registadas 15 200 queixas por violência doméstica, mais 600 do que em igual período de 2009.

Relativamente aos crimes de violação em Portugal têm aumentado todos os anos desde 2007: em 2010 foram registadas 424 violações, o número mais elevado de sempre. A maioria das vítimas deste tipo de crimes são, normalmente, mulheres (83,8%) e 61,9% têm menos de 16 anos. Já os agressores são, na grande maioria (97,9%) homens e mais de metade com idades entre os 31 e os 50 anos de idade.



Quotidiano

Silvia Branco garante que ?no gabinete de Ponta Delgada não há conhecimento de qualquer caso de homicídio?.

Aumentam denúncias de violência doméstica

Até Dezembro de 2010 foram registados 352 casos de violência doméstica no Arquipélago. Instituições como a APAV estão disponíveis para prestar o apoio necessário às vítimas.

Houve um aumento no número de casos de violência doméstica denunciados nos Açores face o ano de 2010. A informação é avançada a este jornal por Sílvia Branco, gestora da gabinete de atendimento de Ponta Delgada da Associação Portuguesa de Apoio à Vítima. Segundo afirma, o número de casos registados, até Dezembro de 2010, foi de 352, sendo que foi no mês de Março que a unidade recebeu o maior número de contactos.

Acolher, orientar e preparar as vítimas para um novo começo são as principais preocupações da associação. A violência doméstica é um problema transversal, que ocorre em diferentes contextos, independentemente dos factores sociais, económicos, culturais ou etários. É um flagelo social que atinge milhares de pessoas, em grande número de vezes de forma silenciosa e discreta. Segundo Sílvia Branco, embora este seja um acto exercido na sua grande maioria sobre mulheres, atinge directa ou indirectamente crianças, idosos ou outras pessoas mais vulneráveis, pelo que deve ser feito um plano de segurança pessoal de modo a ajustar a melhor estratégia ao caso apresentado.

Este problema social faz parte da vivência de muitos lares, sendo que ?ao recebermos o primeiro contacto, regra geral por telefone, uma vez que ainda há receio por parte das vítimas em dar a cara, há necessidade de fazer um diagnóstico pormenorizado?, refere Sílvia Branco. Segundo a gestora, a principal preocupação da maioria das vítimas que contacta a instituição é a de ?perder a guarda dos filhos ou até a habitação?, assim é fulcral que estas estejam ?cientes dos seus direitos, dos apoios de que dispõem e de que todo o processo é gratuito e confidencial?.

Sílvia Branco, no que diz respeito a possíveis situações de morte após as denúncias, garante que ?no gabinete de Ponta Delgada não há conhecimento de qualquer caso de homicídio?, frisando que ?nem sempre um pedido de ajuda implica uma denúncia, pois ao denunciarmos um agressor estamos a iniciar um processo-crime, o que nem sempre acontece?.

Um processo de violência doméstica pode durar anos, uma vez que ?há uma carga emocional muito grande, levando por vezes a retrocessos por parte da vítima?, sendo que a Justiça também ?não é tão rápida quanto desejável?. Assim, requer ?um acompanhamento completo desde o processo-crime, jurídico e psicológico?.

?O apoio não é estanque. Se calhar precisávamos de mais um técnico para dar resposta ao aumento de processos e consequentemente ao atendimento?, refere Sílvia Branco.

De referir que apesar da visibilidade que a violência doméstica vai adquirindo em Portugal, ainda se trata de um fenómeno dotado de uma grande opacidade e que ?grande parte do sucesso depende da disposição da vítima?.

Garantias de apoio

Instituições como a APAV prestam um importante apoio às vítimas de violência doméstica. O serviço prestado visa o apoio nas diversas valências, seja judicial, social ou psicológico.

O trabalho dessas instituições tem permitido aumentar o número de denúncias registadas numa Região onde a violência doméstica ainda é uma forte realidade.

ARQUITECTURA - DESIGN - ESTABILIDADE - ÁGUA E ESGOTOS - ESTUDO DO COMPORTAMENTO TÉRMICO ELECTRICIDADE - I.T.D.E. - SEGURANÇA CONTRA INCÊNDIOS GÁS - FISCALIZAÇÃO - AVALIAÇÃO DE IMÓVEIS

PROJECTANGRA
GABINETE AÇOREANO DE PROJECTOS, LDA

CLUBE NAVAL DA HORTA
www.cnhorta.org
FAIAL

aviso e concursos

ANÚNCIOS

Rebello & Filhos
Rua da Vitória, 27-A
Ponta Delgada
Tel. 296 287 833 e Fax 296 282 861

Câmara Comércio e Indústria da Horta
Largo Duque d? Ávila e Bolama, 2 7 1º
Email: ccih@ccihorta.pt
<http://www.ccihorta.pt>

Fábrica blocos Teodoro
Canaviais de São Pedro - Vila do Porto
Tel.: 296 884 220 - Fax: 296 884 883
Email: fabricadebloccosteodoro@hotmail.com

Aviário Ribeira Grande
Rua Mata F. Freira Pico da Cova
Tel. 296 472 216 e Fax 296 477 477

Navel

CDS-PP AÇORES

Há cada vez mais Açorianos a pensar como nós

Na Assembleia Legislativa a trabalhar
SEMPRE A FAVOR DOS AÇORIANOS
apresentando propostas sérias,
construtivas e exequíveis

facebook.com/CDSAcores
www.cdspacores.com

Newsletter

Nome Email

OK

Programação TV

RTP-A RTP-1 RTP-2 SIC TVI

Todos os dias um filho bate no pai ou na mãe

Retrato. Denúncias são muito menos do que a realidade porque pais sentem-se culpados



FILIPA AMBRÓSIO DE SOUSA

Todos os dias, há um filho que bate na mãe ou no pai. A maioria dos agressores são homens – entre os 25 e 35 anos – e a maior parte das vítimas são mães com mais de 65 anos. Pontapés, murros, o agarrar de um braço, ameaças verbais e ofensas são as agressões mais comuns. Mas há ainda muitas tentativas de extorsão de dinheiro que chegam aos gabinetes de apoio da Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV).

A denúncia é da própria APAV, que apresenta hoje o relatório "Violência doméstica: filhos que agredem os pais. De 2004 a 2010". O documento, a que o DN teve acesso, denuncia que em 2010 foram registados 416 casos deste tipo de violência doméstica, face aos 299 registados em 2004. Ou seja, em seis anos, estas denúncias aumentaram quase 40%, o que se deve a uma maior consciência das vítimas, mas também ao facto de este cri-

Desemprego
e alcoolismo
na origem
da violência

me se ter tornado público.

Manuel e Joaquina fazem parte destas estatísticas. Há uns meses, tiveram de fugir da casa que construíram durante anos por medo do filho, de 40 anos, que vivia com eles e que estava desempregado. "O problema em causa era alcoolismo e tudo começou com agressões físicas, mas depois a escalada de violência física começou", relata Maria de Oliveira, técnica da Associação Portuguesa de Apoio à Vítima, ao DN.

O casal de idosos acabou por recorrer à associação, mas pediu por tudo para que não fosse feita queixa à Polícia de Segurança Pública. Não por medo do filho, mas porque se achavam culpados da situação. "Porque estes pais sentem que falharam na educação que deram aos seus filhos."

Alcoolismo, desemprego dos filhos (que aumentam as necessidades económicas perante os pais) e também alguma dependência emocional dos pais perante os filhos são outras razões

apontadas por este retrato da violência dentro da família.

A psicóloga Manuela Parente explica ao DN: "Estes filhos levaram enquanto não podiam levantar a mão, mas depois, quando podem levantá-la, sentem-se mais fortes e aqueles que batiam passam a ser as vítimas."

Maria de Oliveira subscreve esta tese: "É como se fosse uma vingança tardia destes filhos." "Se a criança foi habituada a ser educada com violência, provavel-

mente quando fica mais corpulenta e os pais mais frágeis passa a recorrer à violência para resolver os problemas com os pais", diz a médica.

Estes casos acontecem tanto em famílias disfuncionais como nas de nível sociocultural mais elevado. "Se nunca houve regras e limites em casa e se o jovem sempre fez o que quis desde que nasceu até à idade da força, é natural que recorra à violência, até porque estamos muito perante

uma geração de pais obedientes e mais submissos", concluiu a especialista.

António Pereira, da PSP, que lida diariamente com casos de violência doméstica, assume que quando tem inquéritos de filhos agressores "é sempre porque algum vizinho ou familiar fez queixa, mas nunca as vítimas", diz o comissário. Segundo o mesmo documento, o ano em que se verificou um "pico" foi o de 2008, com 538 casos denunciados.

3 PERGUNTAS A...

MARIA DE OLIVEIRA
APAV

"Insultos acabam em pontapés"

Os agressores de pais são mais homens ou mulheres?

A maioria, 72%, são homens que agredem os pais. Sendo que os agressores têm, em média, de 25 a 35 anos. Mas já começamos a conhecer casos de mulheres que agredem os progenitores, mas por motivos diferentes e em menor escala. Ou seja, os actos são menos violentos e passam mais por chantagem emocional.

Quais as agressões mais comuns?

No caso dos filhos homens que agredem, tudo começa com agressões verbais e ameaças e depois acaba em agressões físicas, que passam por pontapés, empurrões, agarrar o braço. No caso das filhas que agredem, são mais ofensas verbais e normalmente com o objectivo de extorquir dinheiro.

As vítimas são maioritariamente mulheres?

Cerca de 82% dos casos que chegaram ao nosso conhecimento em 2010 foram casos de mães agredidas. No ano anterior, foram 76% dos casos.

Violência feminina contra familiares é mais verbal e está a aumentar

EXTORSÃO A maioria dos casos registados pela APAV ao longo destes seis anos é de filhos do sexo masculino a agredir os pais (72%). Mas as mulheres começam a ser cada vez mais autoras deste tipo de violência doméstica. Só no ano passado foram 120 os casos denunciados. Sendo que em 104 foram as filhas que agrediram as mães e apenas 16 de filhas que agrediram os pais.

"A violência feminina acaba por ser menos violenta e passa mais por agressões verbais, é mais psicológica e menos física", explica Maria de Oliveira, técnica da APAV, em declarações ao DN. "As razões prendem-se muito com a extorsão de bens e raramente passa pelo confronto físico."

Joana foi um desses casos. Com cerca de 40 anos, desempregada há uns anos, começou por ofender

a mãe verbalmente com o objectivo de extorquir dinheiro para gastar nas suas despesas. Como a mãe se recusava, a desempregada começou a ofender a mãe de forma sistemática.

Maria de Oliveira admite, porém, que podem encontrar-se casos de filhas "que deixam os pais ao abandono" ou que os deixam fechados em quartos ou caves, conclui.

Família

VIOLÊNCIA. RELAÇÕES QUE PODEM CORRER MAL

SINAIS DE QUE ELE

Acabaram de se conhecer, ele está muito apaixonado e quer casar rapidamente. Cuidado! O seu namorado pode revelar-se um homem violento. **Por Susana Lúcio**

Joana, de 20 anos, namorava há cinco com David, estudante no Instituto Politécnico de Viseu, de 22. Davam-se bem, embora, às vezes, ele fosse muito ciumento. Em Novembro de 2009, depois de uma discussão feia, encontraram-se numa mata. Joana quis acabar o namoro e David espancou-a até à morte com uma marreta, colocou o corpo na bagageira do carro e atirou a viatura para a barragem de Fagilde. O cadáver foi encontrado no dia seguinte e ele condenado a 18 anos de cadeia.

Os namoros violentos parecem aumentar e a consciência disso também: "Cada vez temos mais pedidos das escolas para realizar acções de sensibilização sobre o tema", diz a psicóloga e assessora técnica da Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV), Helena Sampaio. Para a especialista, "a agressividade faz parte da conduta humana e é preciso aprender a controlá-la."

A VIOLÊNCIA ENTRE namorados é o culminar de uma relação obsessiva. Mas antes que ela se manifeste é possível identificar sinais que, no conjunto, indiciam problemas sérios. A organização norte-americana Rede Nacional para o Fim da Violência Doméstica aponta 10.

Se os reconhecer tenha cuidado. "É fácil entrar numa relação obsessiva, mas terminá-la é muito difícil", diz a psicóloga da APAV. Peça ajuda à família e aos amigos.

E se identificar os sinais na relação de uma amiga ou um amigo? "Deve falar, dar a entender que ela não está sozinha, mas tam-

bém ouvir, não a responsabilizar e respeitar as suas decisões." A violência doméstica – que abrange os namoros – é um crime público, mas se a vítima não estiver preparada para denunciar o agressor, a polícia nada poderá fazer.

1 MUITO APAIXONADO

■ Tenha cuidado quando ele se esforça por acelerar a relação. Diz-se tão apaixonado que não consegue viver sem si e sugere, logo

A violência doméstica tem três fases: tensão, violência e lua-de-mel (quando se desculpa)

após os primeiros encontros, irem viver juntos. "Não é o sinal mais notório, mas pode ser o início de uma relação obsessiva", explica a psicóloga Helena Sampaio. Não se entusiasme. Leve o tempo que achar necessário para conhecer a pessoa antes de a deixar entrar na sua vida.

2 DEMASIADO CIUMENTO

■ Os ciúmes fazem parte de uma relação saudável, mas só se forem pontuais. Se ele estiver constantemente a acusá-la de namoriscar com o rapaz do supermercado, com o barman da discoteca e com o taxista, algo não está bem. "O ciúme é patológico quando há uma procura permanente e descontrolada para confirmar as suspeitas que se tem", ex-



É UM AGRESSOR



O namoro obsessivo pode começar com uma pessoa a apressar a relação

plica a psicóloga da APAV. Não aceite os ciúmes obsessivos como prova de amor.

3 SEMPRE CONTROLADOR

■ Ele quer saber onde esteve, com quem, o que fizeram e durante quanto tempo? É um mau sinal. É uma tentativa de controlar todos os seus movimentos e, em última instância, a sua vida. Não deixe que isso aconteça. Se responder às perguntas que ele faz vai acabar dominada pela vontade dele.

4 NÃO GOSTA DOS SEUS AMIGOS

■ Depois de saírem com amigos, o seu namorado esforça-se para a convencer de que eles não gostam de si, só se querem aproveitar da sua boa vontade e até gozam consigo nas suas costas. Mais: acusa a sua família de não a valorizar. Se acreditar, vai chatear-se com as pessoas que lhe são mais próximas e ficar cada vez mais isolada.

5 FICA DEPENDENTE

■ Já reparou que, desde que namora com ele, passa a vida a inventar desculpas aos amigos para explicar por que razão não pode ir ao cinema ou à festa de aniversário? Fique alerta, é mais um sinal de que ele está a tentar isolá-la.

6 DEIXA-A ANSIOSA

■ Costuma ficar nervosa sempre que, por qualquer razão, se atrasa por alguns minutos para um encontro com o seu namorado porque sabe que ele vai ficar muito aborrecido? Cuidado: quando menos esperar ele pode tornar-se violento. "A pouca resistência à frustração pode ser um indício de um

comportamento descontrolado e obsessivo", diz a psicóloga Helena Sampaio.

7 A CULPA É SUA

■ Chegaram tarde à sessão de cinema, perderam o comboio, não há mesa vaga no restaurante e a culpa de tudo isto e mais é, segundo o seu namorado, só sua. A culpabilização em si de tudo o que corre mal é um sinal de que ele tem dificuldade em respeitá-la.

8 GOSTA DE A HUMILHAR

■ Ele goza com as roupas que veste, ridiculariza os comentários que faz à frente dos seus amigos e não valoriza as suas opiniões e decisões? Não o permita. A estratégia serve para rebaixar a sua auto-estima e torná-la agradecida por ele a aceitar apesar de todas as suas falhas. "Isto é já uma forma de violência psicológica", salienta a psicóloga da APAV.

9 É DOMINADOR

■ Parece-lhe que não faz nada sem a companhia do seu namorado ou sem que ele saiba e aprove? Ele está a conseguir dominar a sua vida.

10 ENCHE-A DE PRESENTES

■ Depois de uma discussão, ele envia-lhe dezenas de mensagens para o telemóvel e emails a pedir desculpa e oferece-lhe presentes para fazerem as pazes. Não se deixe cair num círculo vicioso de brigas e apaziguamentos. Saiba que a violência doméstica é caracterizada por três fases: a tensão, a violência e a lua-de-mel (quando ele se desculpa e garante que não voltará a fazer o mesmo) que se repetem durante anos. ●

Andaram às voltas, no carro, revisitando as mesmas paisagens, como num sonho, durante o infinito tempo dos sonhos, até que também o motorista confessou o desconcerto: "Estamos perdidos!"



Almada sem Almada

Se o Projecto Ressonante Experimental Criativo, vulgo PREC, tem apostado na articulação entre música e poesia, o que se ouviu em Setembro na APAV, em Lisboa, foi a versão instrumental do espectáculo "A Cena do Ódio", que habitualmente inclui a declamação do texto com o mesmo título de Almada Negreiros.

De formação variável, mas com o seu núcleo duro em Paulo Chagas (flauta, oboé, clarinete sopranino), Fernando Simões (trombone) e Paulo Duarte (guitarra eléctrica), a estes se juntaram na ocasião Paulo Curado (saxofones alto e soprano, flauta), João Pedro Viegas (clarinetes baixo e soprano) e Ricardo A. Freitas (guitarra baixo).

Com uma duração aproximada de uma hora, a peça desenvolveu-se em torno de nove partes (sem interrupção, mas com transições bem audíveis), a que correspondiam emoções e estados de alma poéticos, transcritos da intenção do texto original. Se o "diseur" Paulo Ramos não esteve presente, nem por isso a estrutura base das improvisações desenvolvidas se alterou.

Cada uma das partes era constituída por elementos e indicações estruturais simples, como o uso de atonalidade, ritmo, pontilhismos, "staccato", silêncios, ruídos, intensidade, melodia, etc. As "cenas" sucediam-se, com solos apoiados em cenários drapejados com texturas mais ou menos programadas, duos e "tuttis".

Gostei de vários dos solos e duos, por vezes com soluções improvisadas de grande valia plástica, de que destaco um fantasmagórico duo de flautas, se a memória não me trai na parte denominada "Burgueses". A última cena, "A Praga Final", foi brilhante, com uma introdução de grande intensidade dramática a que se seguiu um harpejar melódico de Chagas no oboé, juntando-se todos os músicos do grupo até uma apoteose paroxística que se sobrepôs, e finalmente aniquilou, a voz do solista. JOSÉ PESSOA

O estatuto de vítima de violência doméstica

BÁRBARA GUIMARÃES

A Lei n.º 112/2009, de 16 de Setembro, veio estabelecer o regime jurídico aplicável à prevenção da violência doméstica e à protecção e assistência das suas vítimas. De facto, foi decidido pelo nosso legislador que as vítimas do crime de violência doméstica deviam receber, caso o queiram, um estatuto próprio, que se consubstancia em diversos direitos e deveres.

Deste modo, após a denúncia da prática do crime de violência doméstica, e não existindo fortes indícios de que a mesma é infundada, as autoridades judiciais ou os órgãos de polícia criminal competentes (sendo o mais usual a Polícia de Segurança Pública, entidade à qual a maioria das vítimas denunciam a sua situação) atribuem à vítima, para todos os efeitos legais, o estatuto de vítima. Nesse momento, é-lhes entregue um documento comprovativo do referido estatuto, que compreende os direitos e deveres estabelecidos na lei.

E quais são esses direitos e deveres?

Em primeiro lugar, é garantido à vítima o acesso a diversas informações: o tipo de serviços ou de organizações a que pode dirigir-se para obter apoio (como é o caso dos serviços prestados pela UMAR Açores, que se concretizam num atendimento e apoio tri-partido: psicológico, sociológico e jurídico); o tipo de apoio que pode receber; onde e como pode apresentar denúncia; quais os procedimentos seguintes à denúncia e qual o seu papel no âmbito dos mesmos; como e em que termos pode receber protecção; em que medida e em que condições tem acesso a aconselhamento jurídico ou apoio judiciário ou, ainda, outras formas de aconselhamento; quais os requisitos que regulam o seu direito a indemnização; e, por fim, quais os mecanismos especiais de defesa que pode utilizar, sendo residente noutro Estado.

Além disso, sempre que a vítima o solicite junto da entidade competente para

o efeito, e sem prejuízo do regime do segredo de justiça, deve ainda ser-lhe assegurada informação sobre: o seguimento dado à denúncia; os elementos pertinentes que lhe permitam, após a acusação ou a decisão instrutória, ser inteirada do estado do processo e da situação processual do arguido, por factos que lhe digam respeito, salvo em casos excepcionais que possam prejudicar o bom andamento dos autos; e, por fim, a sentença do tribunal. A vítima deve também ter acesso à informação sobre a libertação de agente detido ou condenado pela prática do crime de violência doméstica, no âmbito do processo penal.

Define-se, também, que a vítima deve ser informada, sempre que tal não perturbe o normal desenvolvimento do processo penal, sobre o nome do agente responsável pela investigação, bem como da possibilidade de entrar em contacto com o mesmo para obter informações sobre o estado do processo penal. Deste modo, pretende-se que haja um elo de ligação permanente entre a autoridade judiciária e a vítima, de modo a existir não só um melhor andamento da investigação, mas também uma maior confiança da vítima no sistema judicial.

Em segundo lugar, há o direito à audição da vítima e a possibilidade de proceder à apresentação de provas, requerendo, para tal, a sua constituição como assistente no processo (ou seja, tendo uma posição própria no processo penal, de "coadjuvante" com o Ministério Público, que tem a seu cargo a investigação do crime e a dedução da acusação).

Em terceiro lugar, é garantida assistência específica à vítima. Para tal, o Estado assegura, gratuitamente nos casos estabelecidos na lei, que a vítima tenha acesso a consulta jurídica e a aconselhamento sobre o seu papel durante o processo e, se necessário, o subsequente apoio judiciário quando esta seja sujeito em processo penal. Ou seja, tem a possibilidade de pedir que fique isenta de custas

e de outros encargos com o processo, assim como que lhe seja nomeado um advogado para a representar, ficando, também, isenta do pagamento dos honorários desse profissional.

E mais, caso a vítima intervenha na qualidade de sujeito no processo penal, deve-lhe ser proporcionada a possibilidade de ser reembolsada das despesas efectuadas em resultado da sua legítima participação no processo penal.

Em quarto lugar, é assegurado o direito à protecção da vítima e, sendo caso disso, à sua família ou a pessoas em situação equiparada, nomeadamente no que respeita à segurança e salvaguarda da vida privada. Tal acontece sempre que as autoridades competentes considerem que existe uma ameaça séria de actos de vingança ou fortes indícios de que essa privacidade pode ser grave e intencionalmente perturbada por parte do agressor.

Além disso, o contacto entre vítimas e arguidos em todos os locais que impliquem a presença em diligências conjuntas, nomeadamente nos edifícios dos tribunais, deve ser evitado. Ainda, em relação às vítimas especialmente vulneráveis, deve ser assegurado o direito a beneficiarem, por decisão judicial, de condições de depoimento, por qualquer meio compatível, que as protejam dos efeitos do depoimento prestado em audiência pública (ou seja, a possibilidade de serem ouvidas "à porta fechada"). O juiz ou, durante a fase de inquérito, o Ministério Público, podem determinar, sempre que tal se mostre imprescindível à protecção da vítima e obtido o seu consentimento, que lhe seja assegurado apoio psicossocial e protecção por teleassistência, por período não superior a seis meses, salvo se circunstâncias excepcionais impuserem a sua prorrogação. Para tal, o organismo da Administração Pública responsável pela área da cidadania e da igualdade de género pode recorrer a regimes de parceria para instalar, assegurar e manter em funcio-

namento sistemas técnicos de teleassistência.

Em quinto lugar, é exposto o direito à indemnização e a restituição de bens à vítima. Assim, é reconhecido à vítima o direito a obter uma decisão de indemnização por parte do agente do crime, dentro de um prazo razoável. Além disso, os objectos restituíveis pertencentes à vítima e apreendidos no processo penal são imediatamente examinados e devolvidos. Por fim, independentemente do andamento do processo, à vítima é reconhecido o direito a retirar da residência todos os seus bens de uso pessoal e exclusivo e, ainda, sempre que possível, os seus bens móveis próprios, bem como os dos filhos ou adoptados menores de idade, os quais devem constar de lista disponibilizada no âmbito do processo sendo a vítima acompanhada, quando necessário, por autoridade policial.

Por último, é referido que a vítima tem direito a ser ouvida em ambiente informal e reservado, devendo ser criadas as adequadas condições para prevenir a vitimização secundária e para evitar que sofra pressões desnecessárias (nomeadamente, quanto ao local onde podem efectuar a denúncia do crime, que deve ser protegido do público em geral). A vítima tem ainda direito, sempre que possível, e de forma imediata, a dispor de adequado atendimento psicológico e psiquiátrico por parte de equipas multidisciplinares de profissionais habilitadas à despistagem e terapia dos efeitos associados ao crime de violência doméstica.

O Estatuto de vítima cessa por vontade expressa da vítima ou por verificação da existência de fortes indícios de denúncia infundada, assim como pelo arquivamento do processo. No entanto, a cessação do estatuto da vítima não prejudica, sempre que as circunstâncias do caso forem consideradas justificadas pelos correspondentes serviços, a continuação das modalidades de apoio social que tenham sido estabelecidas. ■



GOLPE DE VISTA

25 NOVEMBRO DIA INTERNACIONAL PARA A ELIMINAÇÃO DA VIOLÊNCIA SOBRE AS MULHERES

CAMPANHA "SEM MULHERES NÃO HÁ PAZ" PASSA POR VISEU



"A violência contra as mulheres é um fenómeno inerente à opressão patriarcal e à existência de culturas machistas e misóginas em diferentes sociedades, revelando inegavelmente o quão coxas ainda estão as nossas democracias.

A violência contra as mulheres é generalizada e, apesar dos vários Planos Nacionais para a Igualdade e Contra a Violência Doméstica e das campanhas já realizadas, o crime parece não estar a diminuir(...) Em Portugal, só em 2010, foram assassinadas 43 mulheres por violência doméstica e de género (Observatório de Mulheres Assassina- das, 2010).

Esta violência é infligida maioritariamente pelos homens (maridos, ex-maridos, companheiros, ex-companheiros namorados, ex-namorados e parentes) que, frequentemente, recorrem a este meio para preservar ou reforçar o seu poder sobre as mulheres, sendo um problema transversal ao nível social, económico, religioso ou cultural.

Sabemos que um dos principais motivos pelos quais as cifras da violência doméstica aumentaram tem a ver, na verdade, com o aumento das suas denúncias, o que representa um avanço importante. Há, pois,

mais mulheres a denunciar e mais gente vigilante. Contudo, sabemos também que muita violência continua invisível.

A violência contra as mulheres adopta várias formas, desde a violação do direito à autodeterminação, ao casamento forçado, à molestação sexual ou psicológica, à exploração ou discriminação, continuando a existir mulheres assediadas, violadas, traficadas, mutiladas e assassinadas em todas as partes do mundo. Frequentemente, o agressor fica impune ou cumpre penas absolutamente ridículas e insultuosas para as vítimas e para o próprio combate às violências, como temos verificado, demasiadas vezes, nos jornais ao longo deste ano.

Assim, é fundamental combater este problema procurando-se, sempre que necessário, fazer justiça".

(Extracto do Manifesto das organizações que convocam a Marcha Pelo Fim da Violência Contra as Mulheres, que a Associação OLHO VIVO apoia, e que terá início às 17 h. no Largo Camões, em Lisboa).

Sem Mulheres Não Há Paz de Viseu ao Afeganistão

O Núcleo de Viseu da Associação OLHO VIVO foi convidado a colaborar e a participar nas acções do Dia Internacional para a Eliminação da Violência Sobre as Mulheres, em Viseu. A campanha é uma iniciativa criada através de Adamastor Associação Cultural de Viseu por um grupo de voluntários do Serviço de Voluntariado Europeu e o grupo JOVENS SOLIDÁRIOS.

PROGRAMA

16:00 h. Rossio:

Exposição de obras na praça, musica e performance - Campanha informativa.

Criação de um mural feito por jovens artistas locais e pelos cidadãos, com tema "mulheres e paz"

O mural será exposto no IPJ

junto com informação sobre a campanha e outros quadros feitos pelas escolas.

18:00h.

Vigília no Rossio e Marcha até à Sé.

21:00 h. IPJ:

Conferência com convidadas especiais "Mulheres Paz e Segurança"

Projeção do filme Persépolis com Cine Clube de Viseu

Quando os EUA e o Reino Unido entraram no Afeganistão em 2001, eles prometeram melhorar a vida das mulheres afegãs. O governo de Portugal enviou as primeiras tropas em 2005. Nos últimos dez anos, alguns progressos foram feitos, especialmente nas áreas de educação, o direito ao trabalho e maior liberdade de movimento fora de casa. No entanto, o Afeganistão é considerado o país mais perigoso para as mulheres.

As mulheres ainda continuam a sofrer discriminação e violência no Afeganistão. Isto inclui os casamentos na infância e forçados, a violência sexual e doméstica, e "baad" a troca de mulheres e meninas como forma de pagamento ou para resolver disputas. Para estudar, as jovens afegãs sujeitam-se a ser penalizadas por ataques de ácido.

Dez anos após a intervenção militar, estamos a pedir ao governo de Portugal para garantir que os direitos das mulheres sejam centrais nas discussões sobre o futuro. Precisamos de todos para tomar medidas e lembrar ao governo as promessas que fizeram às mulheres afegãs.

(Secção da responsabilidade do Núcleo de Viseu de "OLHO VIVO - Associação para a Defesa do Património, Ambiente e Direitos Humanos")

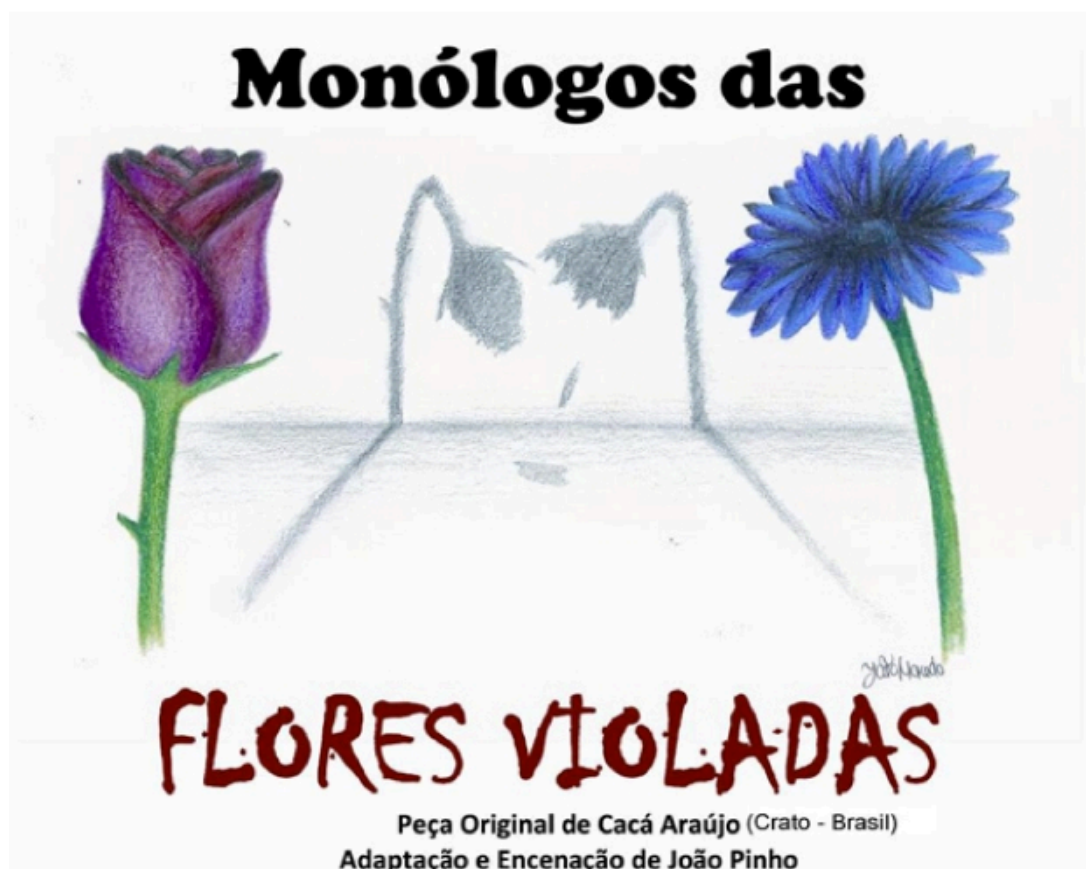
Nota: Críticas e sugestões para a Associação OLHO VIVO, telefone: 912522690 - olhovivo.viseu@gmail.com olhovivoviseu.blogspot.com

turistacidental:com

our daily guide for hip travellers

[home](#)[daily news](#)[itravel](#)[CM by MJPS](#)[travel with me](#)[my+hotel](#)[Hs Online](#)[Mind&Body](#)[Tentações](#)[Travel&News](#)[Brasil Online](#)

Estreia dia 25 peça "Monólogos das flores violadas"



Segundo dados da Amnistia Internacional, pelo menos, uma em cada três mulheres já foi vítima de violência. Assim, um grupo de actores do Intervalo Grupo de Teatro, com o apoio da APAV, decidiu levar à cena a peça "Monólogos das Flores Violadas" - quatro histórias que aconteceram no Brasil.

PRÉ-CIMEIRA

França e Alemanha querem novo tratado

SOCIEDADE

Ler a última notícia



Lisboa: vão marchar contra violência feminina

Protesto pretende combater injustiças em situações de violações, abusos e assédios a mulheres

Por: Redacção / IPL | 22- 11- 2011 16: 7



Be the first of your friends to like this.



Share

0 comentários



VOX

A denúncia da violência contra as mulheres ganhará a forma de marcha de rua, pela primeira vez em Portugal, na próxima sexta-feira, em Lisboa, que partirá às 17:00 do largo de Camões em direcção ao Rossio.

A marcha junta 60 entidades nacionais, entre associações, partidos políticos e instituições governamentais, e é organizada pela União de Mulheres Alternativa e Resposta (UMAR), pela ComuniDária - Associação de Integração de Migrantes e Minorias Étnicas e pelo movimento «SlutWalk Lisboa».

A iniciativa «surge da necessidade» resultante de «algumas decisões na justiça que revitimizam as vítimas de violência», explicou Salomé Coelho, da direcção da UMAR.

A marcha pretende «combater» as «situações em que vítimas de violações, abusos, assédio não vêem os seus direitos tomados em conta em sede da justiça».





ID: 38711031

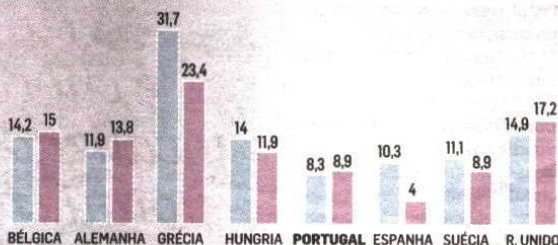
23-11-2011



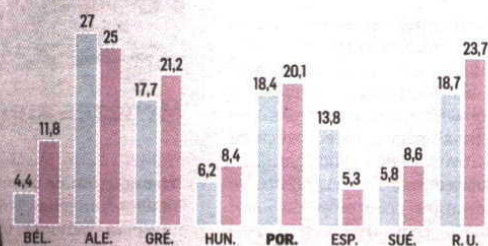
Vítimas da violência

EM PORCENTAGEM, DADOS DE 2010

Violência física



Coacção sexual



Fonte: Instituto de Saúde Pública da Universidade do Porto

Violência doméstica sobre homens revelada em estudo

Surpresa. Portugal é o único de oito países europeus em que a violência sobre mulheres é sempre superior

FERNANDA CÂNCIO

No primeiro estudo europeu a inquirir homens e mulheres, entre 18 e 64 anos, sobre vários tipos de violência ocorridos na relação com os parceiros "íntimos" heterossexuais no último ano, Portugal destaca-se como o único país, em oito, no qual as mulheres apresentam, em todos os tipos de violência, uma vitimização mais alta que os homens. Numa amostra que inclui Espanha, Suécia, Bélgica, Grécia, Hungria, Alemanha e Reino Unido, os estereótipos habitualmente associados às relações heterossexuais são estilhaçados pela evidência surpreendente de uma vitimização masculina mais elevada (por vezes mais do dobro) em vários países e em categorias como coacção sexual e agressão física grave e que resulta em lesões.

Por exemplo, na amostra espanhola, na categoria "coacção sexual", 18,4% dos homens inquiridos afirmaram-se vítimas, contra 5,3% nas mulheres. Também entre os alemães foram mais eles (27%) que elas (25%) a reportar essa

agressão como tendo ocorrido no último ano. E na "violência física grave" os homens espanhóis voltam a reportar mais vitimização (6,9% deles contra zero nelas) assim como os alemães (3,5% contra 3%) e os gregos (19,9% para 14,3%). Mesmo quando a violência é tão grave que causa lesões só dois países evidenciam maior número de vítimas femininas na amostra: Suécia (0,3% elas, zero eles) e Portugal (0,9% eles, 1,1% elas).

E mesmo se em Portugal a vitimização feminina é sempre mais elevada, a diferença entre as percentagens de homens e mulheres que assumem ter sido alvo de vio-

lência por parte do parceiro no último ano é consistentemente muito pequena.

O coordenador deste estudo financiado pela União Europeia, o epidemiologista Henrique Barros, da Universidade do Porto, admite que os resultados são surpreendentes e podem mesmo ser lidos como "um branqueamento da violência machista, o que é totalmente errado". "O movimento feminista tradicional não gosta de falar disto porque acha que desvia a atenção da

violência perpetrada sobre as mulheres, mas o pior erro em prevenção é tentar vender uma fantasia e não a realidade." E a realidade, parece, será mais complexa do que o que os números de mortes de mulheres em contextos de violência doméstica e as queixas à polícia, predominantemente femininas, indiciam. "Dizer que os homens

também são vítimas não desvaloriza a violência sobre as mulheres. Em Portugal temos uma mulher morta por semana – o que é uma

brutalidade. Mas isso é a ponta do iceberg. O fenómeno morte e fenómeno queixa à polícia são sub-representações da realidade."

E se lê a evidência da violência perpetrada por mulheres sobre homens como "a prova de que o mundo mudou, as mulheres estão, pelo menos no Ocidente, a sair do estatuto de subalternidade e a institucionalização e legitimação da violência masculina, que existia muito também por via religiosa, estão a desaparecer", o facto de Portugal manter a vitimização feminina superior à masculina em todas as categorias (até na violência psicológica), leva-o a aventar que "provavelmente as relações de género cá estão mais próximas da tradição". Mas, releva, Portugal não é, neste estudo, dos países com mais expressão de violência doméstica: "Estamos mais ou menos a meio da tabela, entre o Norte e o Sul. A Grécia, por exemplo, apresenta uma situação muito pior. Que pode estar relacionada com o que se passa em termos económicos e sociais. Não é por acaso que existe aquele ditado: casa onde não há pão, todos ralham e ninguém tem razão."

HOMICÍDIOS

Pelo menos 18 mulheres mortas por companheiros ou 'ex' em 2011

» Pelo menos 17 mulheres morreram, até ao início de Outubro deste ano, vítimas de violência doméstica. Os dados foram registados pela UMAR - União de Mulheres Alternativa e Resposta, que irá em breve apresentar dados mais com-

pletos. Uma redução em relação ao mesmo período do ano passado, no qual foram mortas 33 mulheres. Apesar do decréscimo, não deixa de ser preocupante o aumento da violência destes crimes. "São abatidas a tiro, com várias

facadas, o que demonstra um sentimento quase de ódio por parte dos companheiros", disse na altura ao DN Elizabeth Brasil, presidente da UMAR. Ontem, uma mulher foi morta pelo ex-namorado, em Almada (ver pág. 21).

PONTOS-CHAVE

► **Portugal** Vitimação feminina é superior em todas as categorias de violência tratadas no estudo mas a diferença para a vitimação masculina não é muito grande. Por outro lado, Portugal não apresenta níveis de violência doméstica muito elevados face aos outros países retratados.

► **Coacção sexual** Foram 20,1% as portuguesas que disseram ter sido dela vítimas no último ano, contra 18,4% dos homens da mesma nacionalidade. Na coacção sexual com violência grave assiste-se a uma diferenciação maior entre o número de homens e mulheres da amostra que dizem ter sido vítimas: 2,1% elas, 0,9% eles. Nesta categoria de violência, no entanto, Portugal não é o país onde a diferença entre a vitimização das mulheres e dos homens é maior: na amostra belga é o triplo, enquanto na sueca é o dobro e na britânica pouco inferior à portuguesa. E se na Hungria e na Alemanha os valores são iguais para os dois sexos, na Grécia os homens (5,9%) queixam-se mais desse tipo de agressão que as mulheres (5,5%).

► **Agressão física** 8,9% das portuguesas reportam-na, contra 8,3% dos homens; na lesão como resultado da violência, 3,1% das mulheres, 2,3% dos homens. A proporção não muda radicalmente mesmo quando se fala de agressão física "grave" (mulheres 3,9%, homens 3,2%) e da igualmente grave que resulta em lesão (1,1% mulheres, 0,9% homens). Entre os oito países que participaram no estudo, só Portugal e Suécia apresentam mais mulheres como vítimas. Nos outros seis há sempre mais homens a relatar lesões causadas pelas companheiras/mulheres/namoradas, da Bélgica (27% eles, zero elas) à Grécia (1,8% para 1,5%), passando pela Hungria (1,7% para 0,6%), Alemanha (1,5% para 0,7%), Reino Unido (4,2% para 3,6%) e Espanha (1,7% para zero).

► **Agressão psicológica** Tipicamente, é o tipo de violência doméstica com maior prevalência. Portugal é o país onde tem menor expressão (elas 50%, eles 45,6%), seguido da Suécia (elas 54,2% e eles 52,9%), Hungria (elas 45,2%, eles 59,3%), Bélgica (elas 53,5%, eles 57,5%) e Alemanha (elas 58,6%, eles 55,2%). Os espanhóis queixam-se mais (60,3% que elas (52%), nos britânicos são elas (65,9% para 62,2%). A Grécia bate os recordes, com 72% neles e 70,7% nelas.

ENTREVISTA: TERESA MORAIS

Secretária de Estado dos Assuntos Parlamentares

Governo lança amanhã uma campanha de prevenção da violência doméstica. Teresa Morais, a secretária de Estado que tutela esta área, anuncia novos mecanismos de ajuda

“A campanha é chocante e foi focalizada na morte, porque as mulheres morrem de violência doméstica”

PAULA SÁ
e HUGO FILIPE COELHO

A crise económica potencia a violência doméstica?

Perante um maior desemprego e as dificuldades económicas das famílias é possível que as atitudes agressivas no domínio familiar tenham mesmo tendência para aumentar.

A austeridade vai certamente afectar as políticas nesta área...

Este orçamento é restritivo no seu conjunto, e também o é para o orçamento da CIG – Comissão para a Cidadania e Igualdade de Género. Estou convencida, no entanto, que os cortes não afectarão o essencial. A prevenção e protecção das vítimas de violência doméstica são as prioridades.

Ainda assim qual foi o corte nesta área?

Foi na ordem dos 30%. No que toca ao orçamento há que contar com alguma ajuda que vai resultar de um novo diploma, já aprovado em Conselho de Ministros, que atribui pela primeira vez à Igualdade uma parte, pequena mas de montante significativo, das verbas dos jogos sociais. E que será dirigida às políticas de prevenção e protecção às vítimas de violência doméstica e de género.

Em que é que campanha de prevenção da violência doméstica que vai lançar na sexta-feira difere das anteriores?

É uma campanha chocante. Cho-

cante tal como é a violência exercida sobre muitas mulheres no seio da família e que afecta também as crianças e os idosos. Achámos que tinha que ser dado mais um passo: focalizar a campanha naquilo que tem sido o mais recado a abordar em todas as campanhas, a morte, porque as mulheres morrem de violência doméstica. Nos últimos cinco anos morreram mais de 170 mulheres. No ano passado morreram 43. Pretende-se sensibilizar todas as pessoas para a dimensão do problema, mas sobretudo atingir as próprias mulheres vítimas dessa violência. Dizendo-lhes que correm um risco muito sério, que estão em risco de morte.

E a ajuda existe na realidade?

A ajuda existe e pode ser melhorada. Entre os factores de demora para muitas mulheres saírem do contexto de violência está o desconhecimento da ajuda que podem obter. Existem linhas gratuitas para onde se pode ligar, incluindo a da CIG, há uma rede nacional de casas de abrigo, que tem 33 no continente e mais três nas ilhas, e que, no seu conjunto, têm mais de 600 lugares. Estão é sempre lotadas na ordem na ordem dos 96 ou 97%...

Esse rede vai manter-se inalterada ou sofrerá cortes?

Não tenho nenhuma informação em sentido contrário, nem isso faria sentido. Essas casas são geridas por ONG [organizações não governamentais] e por IPSS [instituições de solidariedade], pela Misericórdia,



LUÍS MANUEL NEVES

com acordos com a Segurança Social. A CIG vai assinar, dentro de dias, com a Faculdade de Direito de Lisboa um protocolo através do qual uma equipa de seis juristas, três especialistas em Direito Penal e três em Direito da Família, coordenados por um professor catedrático, vão à comissão fazer atendimento gratuito sobretudo para vítimas de violência doméstica.

A campanha será vocacionada

para que meios?

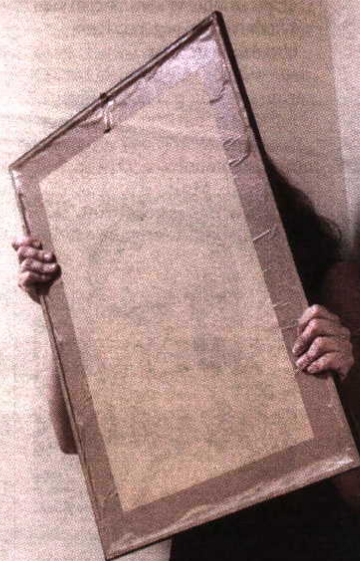
A campanha é *pro bono*, desde a empresa que concebeu a ideia até à que está a produzir o *spot* para televisão. Os principais jornais nacionais, revistas, todas as televisões, rádios e empresas de distribuição de filmes aderiram. Serão distribuídos folhetos nos centros de saúde, hospitais e lojas do cidadão. E vai estar até nas traseiras de autocarros nas grandes cidades.

PERFIL

TERESA MORAIS

- Secretária de Estado dos Assuntos Parlamentares
- Tem 52 anos
- É mestre em Direito e foi vice-presidente da bancada do PSD
- A responsável governamental é quadro superior da Secretaria Geral do Ministério da Defesa

nacional desde 2002. Enquanto desempenhou as funções de vice-presidente da bancada social-democrata foi responsável pelo acompanhamento de matérias de direitos, liberdades e garantias. Foi ainda adjunta e assessora do Provedor de Justiça entre 2005 e 2009.



Denúncia. UMAR diz que há mais mulheres mortas do que homens presos por violência doméstica e defende necessidade de castigar agressores

Duas mulheres mortas por mês pelos maridos

Violência doméstica fez 241 vítimas em oito anos

LEONOR PAMA WATSON
leonorpaiva@jn.pt

O ano de 2011 já registou 23 mulheres mortas pelos companheiros ou ex-companheiros. São menos homicídios do que no ano passado (43), mas a estatística não deixa de ser negra. Contas feitas, nos últimos oito anos, 241 mulheres foram assassinadas.

Os números são do Observatório de Mulheres Assassinadas (OMA) da União de Mulheres Alternativa e Resposta (UMAR) e mostram "que esta realidade podia ser ainda pior, uma vez que estão contabilizadas também 39 tentativas de homicídio", avança Elisabete Brasil, directora executiva da área da violência de género, da UMAR. Aquela responsável reve-

la que "a violência das tentativas é extrema, havendo muitos casos onde foram disparados tiros e outros com várias facadas".

Das vítimas mortais, 70% morreram às mãos daqueles com quem mantinham uma relação conjugal (marido, companheiro, namorado) e 13% às mãos de ex-companheiros. A mesma tendência verificou-se nas tentativas de homicídio, ou seja, 54% teve como autores as pessoas com quem mantinham ainda uma relação e 34% os ex-companheiros. "Morrem ou quase morrem às mãos daqueles que escolheram para casar, viver, ter filhos. Há laços muito fortes e são estes laços que impedem, muitas vezes, a de-

núncia da violência doméstica. Muitas acabam depois por morrer", evidencia Elisabete Brasil.

O grupo etário que registou mais vítimas mortais foi o das mulheres com mais de 65 anos, numa correspondência de 35%. Segue-se o grupo etário entre os 36 e os 50 anos, com 30% das ocorrências. Já o maior número de tentativas de homicídio incide sobre as mulheres com idades compreendidas entre os 36 e os 50 anos.

A maior parte destas vítimas mortais, num total de 57%, foi assassinada com arma branca. Já 30% dos homicidas usou arma de fogo. Os crimes, na sua maioria, não foram cometidos no meio de

uma discussão. "Grande parte foi planeado friamente. Chamaram a mulher ao local tal e fizeram o que tinham planeado fazer. Por outro lado, nos casos onde não houve premeditação, havia na sua maior parte historial de violência doméstica, o que é um grande indicativo", alerta Elisabete Brasil.

Mudar mentalidade: denunciar

Muitos destes casos já tinham denúncia nas entidades competentes. "Sucedem que o agressor não foi devidamente castigado. Não se fez, realmente, nada. Vai para a cadeia quando mata. Mas é preciso morrer uma pessoa?", questiona.

Por outro lado, há casos em que, sabendo os vizinhos e familiares o que se passava, não há denúncias registadas. "Muitos tentaram ajudar no dia do crime. Tentaram evitar. Salvaram-se, assim, algumas mulheres, mas até esse dia não houve denúncia, não houve prevenção. Continua aquela ideia de que é um assunto privado que é preciso mudar", reitera.

Mudar mentalidades não poderá passar apenas por aumentar o número de abrigos para as mulheres vítimas de violência doméstica. "Deve passar pela repressão do agressor. A mulher que é agredida não tem nada que sair de sua casa", defende. "Neste momento, há mais mulheres mortas do que agressores presos por violência doméstica", avisa. Alguns deles matarão. ■

CASOS

40 ANOS DE AGRESSÕES

Durante 40 anos, uma mulher de Felgueiras foi agredida fisicamente, insultada e ameaçada de morte quase diariamente. O Tribunal da Relação de Guimarães condenou o marido de 73 anos por violência doméstica. Pena? 13 meses de prisão suspensa, com a condição de não contactar a mulher e dar 500 euros à Associação Portuguesa de Apoio à Vítima.

MORTA COM FILHOS AO LADO

Uma mulher de 35 anos foi assassinada no início deste mês alegadamente pelo marido, na sua casa em Castelo da Maia. Os dois filhos, de 17 e 10 anos, estavam no quarto ao lado quando a vítima foi esfaqueada.

39
tentativas
de homicídio a
juntar aos casos
consumados

36
abrigos em Portugal
para mulheres vítimas
de violência
doméstica

OUTRA REALIDADE

CULPADA POR VIOLAÇÃO

Uma mulher afegã foi condenada a 12 anos de prisão porque... foi violada há dois anos pelo marido de uma prima. Os tribunais locais julgaram o caso e consideram a violação de Gulnaz adultério. Agora, a única forma de evitar a prisão é casar com o violador. Da agressão sexual a que Gulnaz foi sujeita aos 19 anos nasceu uma menina agora com dois anos. É por ela que a mulher diz que vai aceitar casar-se com o agressor, como lhe foi proposto pelo tribunal, em vez de cumprir a pena de prisão durante mais de uma década. "Assim, a minha filha pode continuar a ter uma mãe", disse a afegã.



23 mulheres morrem vítimas de violência doméstica

O Observatório de Mulheres Assassinadas (OMA), partilha hoje, no Dia Internacional pela Eliminação da Violência Contra as Mulheres, os resultados de 2011, referentes a homicídios causados por violência doméstica.



Fotografia: campanha APAV 2002

Partilhar |

INÉS CRAVEIRO

25-11-2011

0 COMENTÁRIOS

Na aproximação do final do ano civil, o OMA faz uma **revisão aos dados que recolheu**, atentando que, até agora, **23 é o número de mortes causadas por violência doméstica**, dado que acaba por ser mostrar **positivo**, quando se **compara com o ano anterior 2010** (quase menos metade de homicídios).

Em conformidade com estes dados, a **União das Mulheres Alternativa e Resposta**, refere no seu **relatório** que, esta **situação é um processo contínuo**, onde estas mulheres já **sofrem de violência nas suas relações**. Refere ainda, que em **alguns casos**, a **situação já é conhecida pelas autoridades**.

O **resultados apresentados pelo OMA**, são baseados em **informação recolhida na imprensa escrita**, até dia 11 de novembro do presente ano.

As **conclusões do relatório** passam por perceber que, apenas **70% das mulheres que morreram**, mantinham **matrimónio ou relação de intimidade**; **nove em cada dez crimes acontecem no lar**; os **objetos afiados (facas)**, são os **mais usados**, ainda que **30% dos crimes sejam cometidos com armas de fogo**; **35% das vítimas tinham mais de 65 anos**; **quase 50% dos homicídios tiveram lugar na época do verão**; os **homicídios mais graves acontecem após a separação** entre a vítima e a agressor.

Para além das **vítimas diretas**, tanto em **homicídios como em tentativas**, o OMA ainda registou **62 indivíduos atingidos**, que se encontravam **presentes no local**.

Segundo **dados dos últimos oito anos**, existiram **321 tentativas de homicídio a 241 homicídios**.

A **Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV)**, é uma associação, sem fins lucrativos, que **ajuda todas as pessoas vítimas de violência doméstica**, contribuindo com **informação, proteção e apoio**.

Veja aqui mais campanhas da APAV:





Agressores são o marido ou o companheiro na

Uma em cada três portuguesas é vítima de

A maioria dos casos de violência contra as mulheres ocorre em casa e os agressores são quase sempre o marido ou companheiro. Para combater a violência defende João Redondo, coordenador do Serviço de Violência Familiar do Centro Hospitalar Psiquiátrico de Coimbra e membro co-fundador do Grupo Vi

As mulheres são as principais vítimas da violência doméstica, nas suas várias formas?

Ocorre violência doméstica em todas as regiões do mundo e as mulheres suportam a maior parte da sua carga. Uma das formas mais comuns de violência contra as mulheres é a praticada pelo marido ou por parceiro íntimo. Uma resenha de estudos verificou que a prevalência de violência doméstica durante a vida situa-se entre 16% e 50%. É comum também a violência sexual. Já se estimou que uma em cada cinco mulheres sofre violação ou tentativa de violação durante a sua vida (OMS, 2001). A situação em relação aos homens é radicalmente diferente, pois, em geral, são muito mais propensos a ser atacados por um desconhecido ou conhecido do que por alguém no seu círculo íntimo de relações.

A violência contra as mulheres tem aumentado ou tornou-se mais visível através das várias associações de apoio?

Entre 1995 e 2007, houve uma melhoria global na prevalência da violência contra as mulheres – a vitimação baixou de 48% para 38,1%, em Portugal – e hoje as vítimas recorrem mais à participação policial, aos serviços de saúde e às redes sociais de apoio, ou ao divórcio. É este o resultado mais positivo do Inquérito Nacional sobre Violência de Género, estudo coordenado pelo professor Manuel Lisboa, da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas (FCSH), da Nova, divulgado em 2008. Porém, apesar das melhorias, cerca de uma em cada três portuguesas ainda é vítima de violência, sendo que uma parte significativa das agressões ocorre na esfera da vida privada e os agressores são quase sempre os maridos, companheiros ou namorados (atuais ou passados). Isto mesmo em relação a atos de maior gravidade, puníveis por lei.

Mas a violência doméstica adquiriu uma maior visibilidade, que não tinha antes?

Partindo da experiência associada ao trabalho em rede, multidisciplinar, multisetorial que desenvolvemos – Serviço de Violência Familiar do Centro Hospitalar e Psiquiátrico de Coimbra, Grupo Violência: Informação, Investigação, Intervenção e Grupo Violência e Escola – a impressão que tenho é a de que a violência doméstica tem nos dias de hoje uma maior visibilidade social. Parece-me também existir um gradual reconhecimento do impacto negativo que tem na qualida-



Hoje as vítimas de violência começam a quebrar o silêncio, a pedir ajuda e a denunciar o agressor

de de vida de quem a sofre. Algumas vítimas de violência têm uma noção mais clara do que é ser vítima, motivo pelo qual começam a deixar de sentir vergonha e culpa ao quebrar o silêncio e denunciar o agressor. Parece-me também existir um sentimento de confiança relativamente aos serviços e instituições da comunidade. Recentemente, ainda que muito pontualmente, é de registar alguns pedidos de ajuda ao Serviço de Violência Familiar, que surgem a partir da iniciativa de agressores. Penso que os números que nos vão sendo apresentados refletirão a “desocultação” do fenómeno de violência nos contextos da intimidade.

A atual crise económica pode agravar a violência contra as mulheres ou dificultar o combate e a prevenção?

O que se passa na família não é alheio às mudanças sociais, políticas e económicas que o mundo atravessa. Colocando o enfoque nos dias de hoje, vários fatores – como o isolamento, instabilidade, necessidade de

“
discurso direto

► Os números que nos vão sendo apresentados refletirão a “desocultação” do fenómeno de violência nos contextos da intimidade

► Entre 1995 e 2007, houve uma melhoria global na prevalência da violência contra as mulheres – a vitimação baixou de 48% para 38,1%, em Portugal



João Redondo

um processo constante de adaptação, a distância relativamente à família origem, a quebra da rede de suporte, a pobreza, as mudanças de valores e papéis — exercem influência negativa no bem-estar da família, afetando a vida das pessoas no círculo familiar, potenciando conflitos e ruturas emocionais e físicas. Quaisquer que sejam os mecanismos exatos subjacentes às situações de violência doméstica, é provável que a pobreza atue como mais um dos “marcos”, para diversas condições, que se combinam para a potenciar. Segundo o Relatório Sobre Saúde no Mundo (2001), as mulheres continuam a arcar com o fardo das responsabilidades de serem, simultaneamente, esposas, mães, educadoras e prestadoras de cuidados e a terem uma participação cada vez mais essencial no trabalho, sendo a principal fonte de rendimento em cerca de um quarto a um terço das famílias. Além das pressões impostas às mulheres em virtude do alargamento dos seus papéis, não raras vezes em conflito,



maioria dos casos

e violência doméstica

ência doméstica é necessário um trabalho em rede , em vários setores, olência



Arquivo

aos vários níveis da prevenção: primária (abordagens que visam evitar a violência antes que ela ocorra); secundária (abordagens que têm como foco as respostas mais imediatas à violência); terciária (abordagens que visam à assistência a longo prazo no caso de violência).

Esse trabalho em rede é fundamental?

A forte convicção de que tanto o comportamento violento quanto as suas consequências podem ser evitados, levam-nos a defender a importância de investir na prevenção, visando oferecer o máximo de benefícios para o maior número de pessoas. Colocando o enfoque nos serviços de saúde, salienta a OMS (2002) que se trata de um aliado ativo e valioso na resposta global à violência e traz diversas vantagens e benefícios. Um desses benefícios é a proximidade e, consequentemente, a familiaridade com o problema.

Intervir num único setor tem menos resultados?

Concentrar a intervenção num único setor produz geralmente poucos resultados. A curto e a longo prazo, o sucesso na prevenção contra a violência dependerá de abordagens multidisciplinares e multisetoriais. Tal enquadramento ajudará à emergência de uma nova cultura de não-violência, fundada na inadmissibilidade da violação dos direitos humanos e do dever da sociedade e do Estado de desenvolver as adequadas políticas, estratégias e ações para o evitarem". O Serviço de Violência Familiar do Centro Hospitalar Psiquiátrico de Coimbra (Unidade Sobral Cid), o Grupo Violência e Escola e os serviços e instituições da nossa comunidade com quem no dia-a-dia trabalhamos, refletem, na sua prática e modelo subjacente, estes princípios. Alargando o enfoque à dimensão nacional, são exemplos desta visão organizativa os Planos Nacionais Contra a Violência Doméstica e as alterações legislativas no âmbito desta problemática, a criação de uma Secretaria de Estado para a Igualdade, a implementação das Comissões de Proteção de Crianças e Jovens em Perigo e, posteriormente, dos Núcleos de Apoio a Jovens e Adolescentes em Risco, e o investimento do Plano Nacional de Saúde Mental, relativamente às problemáticas da violência.

Dora Loureiro
dora.loureiro@asbeiras.pt

números

23

mulheres já morreram, este ano, vítimas de violência doméstica, segundo dados do Observatório de Mulheres Assassinadas da UMAR, que assinala uma diminuição do número de homicídios comparando com 2010

70%

das mulheres foram vítimas dos maridos ou de alguém com quem mantinham uma relação de intimidade

9

em cada 10 crimes continuam acontecer dentro de casa e as facas são o instrumento mais utilizado pelos homicidas, mas em 305 dos casos também foram armas de fogo

1

em cada três vítimas (35%) tinha mais de 65 anos, sendo comum o agressor ter também mais idade

39

tentativas de homicídio foram identificadas até 11 de novembro. Nestes casos, 54% dos autores eram os companheiros das vítimas

50%

das tentativas de homicídio acontecem em casa, mas também existem registos de tentativas de homicídio na via pública (38%) e no local de trabalho (8%)



O que fazer em caso de violência doméstica?

- 1 Pedir socorro em situações e/ou procurar refúgio e auxílio de vizinhos ou de outras pessoas
- 2 Procurar ser tratada e observada num hospital, posto médico, centro de saúde ou junto do médico particular
- 3 Apresentar queixa ou fazer denúncia
- 4 É possível apresentar queixa de violência doméstica em qualquer posto da GNR, esquadra da PSP e piquete da Polícia Judiciária. A GNR e PSP possuem estruturas e técnicos habilitados para o atendimento de vítimas de crime
- 5 Uma forma rápida e gratuita de entrar em contacto com a polícia, por via telefónica, é, por exemplo, através do número nacional de emergência 112
- 6 As Delegações e Gabinetes Médico-Legais do Instituto Nacional de Medicina Legal também recebem queixas ou denúncias de violência, que transmitem, em momento posterior, ao Ministério Público
- 7 Existem também diversas associações que apoiam as mulheres vítimas de violência e garantem um atendimento de forma personalizada. São exemplos a Comissão para a Cidadania e Igualdade de Género (CIG), a Associação de Mulheres Contra a Violência, a Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV) e a União Mulheres Alternativa e Resposta (UMAR)





elas enfrentam uma significativa discriminação sexual e as concomitantes pobreza, fome, desnutrição, excesso de trabalho e violência doméstica e sexual.

Como se pode prevenir a violência doméstica?

A violência, pelo número de vítimas e pela magnitude de sequelas orgânicas e psicológicas que produz, adquiriu um caráter endêmico, convertendo-se num problema de saúde pública. A violência doméstica está associada, entre outros aspetos, a considerável sofrimento, a consequências negativas para a saúde, a perturbação do funcionamento familiar, a isolamento social, a menor produtividade, a desemprego, a estigma social e a custos acrescidos com a saúde. No global falamos de significações, relações e contextos, onde há agressores e vítimas, que, a curto e a longo prazo, serão ambos vítimas inevitáveis da violência. Pela sua complexidade, exige uma resposta em rede, multidisciplinar e multisetorial,

Vítimas de violência doméstica resistem mais a abandonar o lar porque vão perder emprego

De Sílvia Maia (LUSA) – 25/11/2011  1  0

Lisboa, 25 nov (Lusa) - Cada vez mais mulheres vítimas de violência doméstica resistem a refugiar-se numa casa abrigo, preferindo viver com o agressor a perder o emprego, alertam as instituições que lidam com estes casos.

Os efeitos da crise económica já se fazem sentir no dia-a-dia da Associação de Apoio à Vítima (APAV) e da Associação de Mulheres Contra a Violência (AMCV). Ali, garantem os técnicos, é cada vez mais difícil convencer as mulheres a sair de casa.

"As mulheres começam a não chegar (às casas abrigo) porque têm medo de deixar os seus trabalhos", conta à Lusa Maria Macedo, técnica do centro de atendimento da AMCV, adiantando que "as mulheres em perigo de vida, que se refugiam numa casa abrigo, não regressam mais às zonas que frequentavam. Têm de recomeçar tudo do zero, incluindo arranjar um novo emprego".

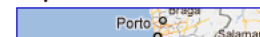
© 2011 LUSA - Agência de Notícias de Portugal, S.A.

epa european
pressphoto
agency



Gabinete de Apoio e Atendimento à Vítima inaugurado hoje no DIAP de Lisboa

Mapa



Violência doméstica: Vítimas resistem mais a abandonar o lar porque vão perder emprego

Cada vez mais mulheres vítimas de violência doméstica resistem a refugiar-se numa casa abrigo, preferindo viver com o agressor a perder o emprego, alertam as instituições que lidam com estes casos.

Os efeitos da crise económica já se fazem sentir no dia-a-dia da Associação de Apoio à Vítima (APAV) e da Associação de Mulheres Contra a Violência (AMCV). Ali, garantem os técnicos, é cada vez mais difícil convencer as mulheres a sair de casa.

“As mulheres começam a não chegar (às casas abrigo) porque têm medo de deixar os seus trabalhos”, conta à Lusa Maria Macedo, técnica do centro de atendimento da AMCV, adiantando que “as mulheres em perigo de vida, que se refugiam numa casa abrigo, não regressam mais às zonas que frequentavam. Têm de recomeçar tudo do zero, incluindo arranjar um novo emprego”.

A decisão de abandonar o lar é um dos momentos mais difíceis de todo o processo e o último estudo nacional já indicava que uma em cada três vítimas aguenta durante mais de dez anos uma relação violenta.

João Lázaro, vice-presidente da APAV, também sente que “a atual crise leva a que muitas vítimas ponderem muito mais em dar o passo em frente e quebrar o silêncio, face às dificuldades económicas e financeiras de terem um projeto e uma vida alternativa sem violência”. Resultado: “estão mais sujeitas à violência porque tentam aguentar ao máximo”.

“A confirmar-se esta perceção das associações deste cenário preocupante, porque estamos a falar de um risco de morte”, diz Teresa Morais, secretária de Estado da Igualdade.

Para as associações, o fenómeno é agravado pelo facto de ainda serem as vítimas a abandonar o lar.

Elisabete Brasil, da União de Mulheres Alternativa e Resposta (UMAR), diz ser necessário “inverter a forma de atuação” para que “quem está em perigo possa ficar em casa e quem é perigoso saia”.

Na opinião da especialista, a situação poderia ser minorada com uma maior aplicação de medidas de afastamento de agressor: “O projeto piloto das pulseiras eletrónicas começou em 2009 e este ano foi alargado a todo o país. Mas a verdade é que é pouco utilizado. Em muitos casos não vimos a aplicação dessa medida”, lamenta.

Anualmente, são feitas cerca de 30 mil denúncias, existindo apenas 52 pulseiras no país. A secretária de Estado garante que não há falta de equipamentos, até porque “todas as pulseiras que foram necessárias até agora estavam disponíveis”.

No caso do sistema de teleassistência, “dos 50 aparelhos existentes estão em funcionamento apenas 20”, frisou.

Teresa Morais garante que os dois programas, que deveriam terminar em breve, vão continuar em funcionamento, sendo “intenção da tutela da igualdade e do Ministério da Justiça reforçá-los”.

Reconhecendo as vantagens da aplicação de mais medidas de afastamento, a secretária de Estado diz que em 2012 deverão decorrer ações de formação para dar a conhecer estas ferramentas: “acredito que ainda haja muitos magistrados que não conhecem este sistema”.

As três associações defendem “tolerância zero para este tipo de crime”, lamentando a realidade percecionada pelos números: até ao segundo trimestre as autoridades receberam 14.508 participações de denúncias de violência doméstica mas, no terceiro trimestre do ano, estavam detidos nas cadeias portuguesas apenas 121 homens por violência doméstica.

As casas abrigo foram criadas como espaço de acolhimento temporário por seis meses, mas a crise tem vindo a prolongar a estadia das vítimas, por dificuldades na reorganização da sua vida.

“A saída das mulheres pode agora levar o dobro ou mais tempo”, acrescentou João Lázaro.



APAV lança nova campanha de sensibilização contra a Violência Doméstica

Hoje, dia 25 de Novembro a Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV) assinala o Dia Internacional para a Eliminação da Violência Contra as Mulheres. Designado pela Organização das Nações Unidas em 1999, este dia tem vindo a ser celebrado em todo o mundo por entidades públicas e organizações não governamentais.

Mais uma vez a APAV alerta para a necessidade de não se tolerar qualquer forma de violência exercida contra as mulheres, em particular a violência doméstica. Apesar da evolução a que temos assistido nos últimos anos, é fundamental continuar o trabalho de sensibilização da sociedade portuguesa.

Neste sentido, a APAV vai lançar hoje

uma nova campanha de sensibilização contra a violência doméstica. Desenvolvida em parceria mecénica com a EuroRSCG, esta campanha apresenta as seguintes mensagens:

“Em 2010 31.679* mulheres caíram e bateram com a cara no lavatório em 3 locais diferentes.”

“Em 2010 31.679* mulheres tropeçaram e bateram em cheio na maçaneta da porta.”

Um dos temas da campanha aborda também a violência doméstica contra as crianças.

“Em 2010 3.701* crianças caíram das escadas várias vezes seguidas.”

Objectivo da campanha passa por apelar à exposição destes casos, que se concretiza na mensagem que fecha o anúncio:

“E milhares de portugueses continuam a



fingir que não vêem. Todos os dias mulheres são vítimas de violência doméstica. Não contri-

bua para que esta situação continue. Quebre o silêncio.”

Violência doméstica: Vítimas resistem mais a abandonar o lar porque vão perder emprego

Cada vez mais mulheres vítimas de violência doméstica resistem a refugiar-se numa casa abrigo, preferindo viver com o agressor a perder o emprego, alertam as instituições que lidam com estes casos.

Os efeitos da crise económica já se fazem sentir no dia-a-dia da Associação de Apoio à Vítima (APAV) e da Associação de Mulheres Contra a Violência (AMCV). Ali, garantem os técnicos, é cada vez mais difícil convencer as mulheres a sair de casa.

“As mulheres começam a não chegar (às casas abrigo) porque têm medo de deixar os seus trabalhos”, conta à Lusa Maria Macedo, técnica do centro de atendimento da AMCV, adiantando que “as mulheres em perigo de vida, que se refugiam numa casa abrigo, não regressam mais às zonas que frequentavam. Têm de recomeçar tudo do zero, incluindo arranjar um novo emprego”.

A decisão de abandonar o lar é um dos momentos mais difíceis de todo o processo e o último estudo nacional já indicava que uma em cada três vítimas aguenta durante mais de dez anos uma relação violenta.

João Lázaro, vice-presidente da APAV, também sente que “a atual crise leva a que muitas vítimas ponderem muito mais em dar o passo em frente e quebrar o silêncio, face às dificuldades económicas e financeiras de terem um projeto e uma vida alternativa sem violência”. Resultado: “estão mais sujeitas à violência porque tentam aguentar ao máximo”.

“A confirmar-se esta perceção das associações deste cenário preocupante, porque estamos a falar de um risco de morte”, diz Teresa Morais, secretária de Estado da Igualdade.

Para as associações, o fenómeno é agravado pelo facto de ainda serem as vítimas a abandonar o lar.

Elisabete Brasil, da União de Mulheres Alternativa e Resposta (UMAR), diz ser necessário “inverter a forma de atuação” para que “quem está em perigo possa ficar em casa e quem é perigoso saia”.

Na opinião da especialista, a situação poderia ser minorada com uma maior aplicação de medidas de afastamento de agressor: “O projeto piloto das pulseiras eletrónicas começou em 2009 e este ano foi alargado a todo o país. Mas a verdade é que é pouco utilizado. Em muitos casos não vimos a aplicação dessa medida”, lamenta.

Anualmente, são feitas cerca de 30 mil denúncias, existindo apenas 52 pulseiras no país. A secretária de Estado garante que não há falta de equipamentos, até porque “todas as pulseiras que foram necessárias até agora estavam disponíveis”.

No caso do sistema de teleassistência, “dos 50 aparelhos existentes estão em funcionamento apenas 20”, frisou.

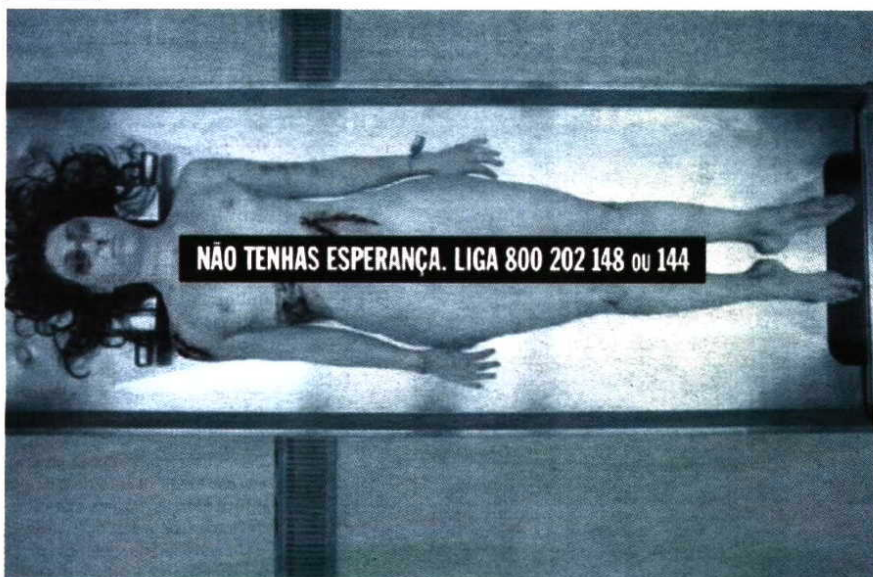
Teresa Morais garante que os dois programas, que deveriam terminar em breve, vão continuar em funcionamento, sendo “intenção da tutela da igualdade e do Ministério da Justiça reforçá-los”.

Reconhecendo as vantagens da aplicação de mais medidas de afastamento, a secretária de Estado diz que em 2012 deverão decorrer ações de formação para dar a conhecer estas ferramentas: “acredito que ainda haja muitos magistrados que não conhecem este sistema”.

As três associações defendem “tolerância zero para este tipo de crime”, lamentando a realidade percecionada pelos números: até ao segundo trimestre as autoridades receberam 14.508 participações de denúncias de violência doméstica mas, no terceiro trimestre do ano, estavam detidos nas cadeias portuguesas apenas 121 homens por violência doméstica.

As casas abrigo foram criadas como espaço de acolhimento temporário por seis meses, mas a crise tem vindo a prolongar a estadia das vítimas, por dificuldades na reorganização da sua vida.

“A saída das mulheres pode agora levar o dobro ou mais tempo”, acrescentou João Lázaro.



Na campanha televisiva vê-se um corpo de uma mulher com as marcas da violência que a vitimou. A mensagem é clara: "Não tenhas esperança." Isto é, na maioria dos casos o agressor não vai mudar



Imagens-choque para obrigar vítimas a deixar os parceiros

Violência doméstica. Nova campanha é dirigida directamente às vítimas, mostrando o que pode acontecer ao acreditar nas eternas promessas de redenção. 23 mulheres mortas em 2011

ELISABETE SILVA

Agressivas, violentas, chocantes... reais. As imagens da nova campanha contra a violência doméstica da Comissão para a Cidadania e Igualdade do Género (CIG) prometem não deixar ninguém indiferente, tal como o *slogan*: "Não tenhas esperança." É dirigido directamente às mulheres que são vítimas deste crime, apelando para que não acreditem em "juras de mudança" ou "palavras doces", revelando o número das que morreram às mãos dos seus parceiros nos últimos cinco anos: 176.

Segundo o Observatório de Mulheres Assassinadas (OMA), 23 foram mortas este ano. É por isso que Rui Abrunhosa Gonçalves, especialista em violência conjugal e sexual, defende que "nunca se vai com paninhos quentes", porque a mensagem passa mais "através dos sustos", dando o exemplo das campanhas rodoviárias.

"[Este tipo de campanhas] cria

uma consciência mais forte nas pessoas", diz. Porém, acrescenta a necessidade de se trabalhar melhor o apoio à mulher que consegue deixar o parceiro agressor e faz queixa na polícia. "Tem de ser protegida", realça.

O lançamento da campanha da CIG (ontem, no Hospital Amador-Sintra) coincidiu com a da Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV), no dia internacional para a Eliminação da Violência Contra as Mulheres. João Lázaro, vice-presidente da APAV, afirma ao DN que as duas campanhas complementam-se e que juntas podem ter mais impacto.

"As vítimas têm rosto", diz João Lázaro, explicando porque os cartazes da APAV mostram pessoas com as marcas da violência doméstica, acompanhadas com frases como: "Em 2010 31 679 mulheres caíram e bateram com a

cara no lavatório em três locais diferentes."

Sobre a campanha mais "agressiva" da CIG, João Lázaro defende que "é preciso pôr as pessoas a pensar" e que uma campanha que seja "um murro no estômago" pode ter mais sucesso. "Vários tipos de campanhas atingem vários tipos de público. Sendo uma questão de vida ou morte são necessárias várias abordagens", afirma.

CIG e APAV com campanhas que se complementam

Na apresentação da campanha da CIG, Teresa Morais, secretária de Estado dos Assuntos Parla-

mentares e da Igualdade, explicou que esta "pretende alertar as mulheres para o risco que correm ao continuarem a acreditar que o agressor muda, porque na maioria dos casos ele não muda".

O anúncio para televisão e os outros materiais divulgados confirmaram as expectativas que Teresa Morais já tinha adiantado ao

POLÉMICAS

TABACO

► **Várias** empresas de tabaco norte-americanas decidiram avançar, este ano, com uma acção num tribunal federal contra a autoridade alimentar e do medicamento (FDA). Em causa está uma nova campanha, que a FDA quer obrigar as marcas a divulgar nos maços de tabaco, onde se vê a fotografia de um homem de cigarro na mão, a expelir fumo de tabaco por um orifício no pescoço, resultante de uma cirurgia a um cancro.

ANOREXIA

► **A modelo** e atriz francesa Isabelle Caro ficou mundialmente conhecida depois de ter aceitado posar para uma campanha de prevenção da anorexia ("No Anorexia"), em 2007, coordenada por Oliviero Toscani - conhecido pelas campanhas da Benetton. Caro viria a morrer, vítima da doença, em 2010.

ESTRADAS

► **Em 2006**, um spot publicitário patrocinado pelo Governo mostrava um avião comercial cheio de crianças, dizendo que estas correspondiam ao número de menores que morrem anualmente nas estradas. Até a Prevenção Rodoviária Portuguesa o criticou.

ENTREVISTA: DIOGO CUNHA

'Account manager' da campanha produzida pela BBDO



"Médica legista diz que vítima nem está muito mal"

Por que razão optaram por fazer uma campanha com imagens tão agressivas, tão violentas?

Porque a imagem ajuda a captar a atenção da pessoa. Tentámos que deixasse de ser uma campanha para sensibilizar todos para ser dirigida directamente às mulheres nesta situação. Na pesquisa feita percebemos que as mulheres se agarram à eterna esperança da reconciliação, mas que, muitas vezes, acabam por sofrer abusos ainda maiores.

Que tipo de pesquisa foi feita?

Além da informação fornecida pela Comissão para a Cidadania e Igualdade do Género e pela Secretaria de Estado, percebemos que quase todas as mulheres passam pelo mesmo processo: o da reconciliação. E identificámos que a reconciliação é dramática. Lemos testemunhos, fomos tendo conversas para perceber como tudo acontece.

Como foi transformar as ideias que tinham nos materiais que vão usar?

Contámos com a ajuda de uma médica legista, que nos orientou para fazer a caracterização [da vítima no anúncio para televisão]. Pensámos que estava bastante agressiva, mas a médica até salientou que se as vítimas aparecerem como a que está na campanha não é muito mau.

Apesar de ser principalmente dirigida à mulher vítima de violência doméstica, espera que também alerte a restante população?

Sendo homem e assistindo à comunicação transmitida na campanha, vou ler e não vou ficar indiferente. Esta campanha é também a pensar no futuro. Ou seja, para alertar os jovens para esta problemática.

Acha que as imagens podem ser consideradas demasiado chocantes por algumas pessoas?

Se souberem como chegámos àquela imagem, que não é gratuita, vão perceber que é um meio para atingir um fim maior.

DN em entrevista, na quarta-feira. A mensagem é directa, como a empresa que fez o trabalho pretendia. "Tentámos que deixasse de ser uma campanha para sensibilizar todos, para ser dirigida directamente às mulheres nesta situação", destacou ao DN Diogo Cunha, gestor de conta da campanha, produzida pela BBDO Portugal (ver entrevista ao lado).

Menos mortes este ano

O número de mulheres vítimas de violência doméstica mortas este ano, 23, revela uma quebra para metade, segundo o OMA, baseando os dados nas informações recolhidas na imprensa escrita até 11 de Novembro. O documento revela que 35% das vítimas tinham mais de 65 anos e que é em casa que ocorrem as "formas mais graves de violência contra as mulheres", muitas delas (36%) "após a separação entre a vítima e o agressor". Além das mortes, este ano houve ainda 39 tentativas de homicídio.



ID: 38823461

29-11-2011



OPINIÃO

POR RITA FERREIRA

Psicóloga da UMAR Açores,
Delegação da Terceira

“16 Dias de Activismo contra a Violência de Género”*

“

Algumas formas de violência podem até ser mais predominantes em determinadas culturas, mas um flagelo a nível mundial é a violência doméstica, cujas vítimas são mais uma vez maioritariamente do género feminino, só que nesta situação podem ser de qualquer idade, etnia, religião ou classe socioeconómica.

”

A 25 de Novembro de 1960, o brutal assassinato das irmãs Mirabal (Las Mariposas): Pátria, Minerva e Maria Teresa, três mulheres que lutavam contra o regime de ditadura vivido na República Dominicana, despoletou uma onda mundial de revolta contra a violência exercida sobre as mulheres. Este dia acabou por ser instaurado como o Dia Internacional pela Eliminação da Violência contra as Mulheres. “16 dias de activismo contra a violência de género” é uma campanha internacional lançada em 1991, que vincula simbolicamente esta data (25 de Novembro) e o dia 10 de Dezembro, Dia Internacional dos Direitos Humanos.

A violência contra as mulheres assume o carácter de violação dos direitos humanos mais básicos como o direito à liberdade, à igualdade, à integridade física e psicológica. Com início numa socialização sexista, em que são diferenciados traços e papéis de género (o que homens e mulheres devem ser e fazer), o facto de as características masculinas serem mais valorizadas que as femininas cria uma desvantagem para as mulheres que é muito difícil de ultrapassar, tratando-se quase de um estigma.

Essa diferenciação de tratamento, de oportunidades, de privilégios e de direitos, resulta em discriminação do género feminino, que muitas



vezes assume proporções de extrema violência. É o caso do femicídio (o assassinato de mulheres por serem mulheres), como acontece por exemplo na China com a “política do filho único”; da mutilação genital feminina (amputação dos órgãos sexuais externos da mulher), prática bárbara que ainda tem lugar em vários países de África; ou da lapidação (apedrejamento até à morte), castigo reservado fundamentalmente às mulheres acusadas de adultério, praticado no Irão. Já para não falar das meninas que são obrigadas a casar ainda em crianças com homens adultos (comum no Sul da Ásia e África Sub-saariana) e das mulheres e jovens que são traficadas principalmente para fins de

exploração sexual.

As mulheres são também as mais afectadas pela pobreza e são vítimas de violação como arma de guerra, como tem acontecido na República Democrática do Congo.

Algumas formas de violência podem até ser mais predominantes em determinadas culturas, mas um flagelo a nível mundial é a violência doméstica, cujas vítimas são mais uma vez maioritariamente do género feminino, só que nesta situação podem ser de qualquer idade, etnia, religião ou classe socioeconómica. Infelizmente para muitas mulheres a própria casa é o sítio menos seguro onde podem estar. Nestes casos, o agressor não é um desconhecido, mas alguém íntimo da víti-

ma, crime que assume um carácter ainda mais perverso.

Tornando-se um ciclo do qual é muito difícil libertar-se sozinha, é importante a vítima ter coragem de pedir ajuda e é essencial a comunidade em geral perceber que não se trata de um assunto privado daquele casal, mas sim de um crime público, algo que é responsabilidade de toda a gente que tem conhecimento e o deve denunciar.

O género masculino pode e deve também contribuir para libertar-se do “estigma” de agressor, colaborando na eliminação de todas as formas de violência contra as mulheres.

* Texto integrado nas iniciativas da UMAR Açores e Descalças



ID: 38779304

26-11-2011

Observatório revela 274 mortes e 321 tentativas de homicídio em oito anos

Uma mulher assassinada em 2011 e dez desde 2004 em todo o distrito

José Carlos Lima

O relatório do Observatório de Mulheres Assassinadas da UMAR, divulgado ontem, dá conta do homicídio de uma mulher, durante o ano de 2011, no distrito de Braga, onde desde 2004 são já dez as vítimas mortais de violência doméstica. O relatório, realizado com base em notícias da imprensa, dá também conta de uma tentativa de homicídio, mas os valores acumulados somam já 21 casos nos últimos oito anos. No distrito de Viana houve também uma tentativa de homicídio de uma mulher, não se tendo registado nenhuma morte. O documento revela que a nível nacional houve 22 assassinatos, metade de 2010, mantendo-se em 39 as tentativas de homicídio sobre mulheres.

Embora os números globais registem um decréscimo do número de vítimas mortais, os dados do Observatório de Mulheres Assassinadas (OMA) continuam a retratar «uma situação grave» e devem ser motivo de «grande preocupação», pois a esmagadora maioria dos casos acontecem na conjugalidade e em relações de intimidade; não obstante o aviso prévio da existência de violência doméstica,



Mortes diminuíram face a 2010, mas a violência doméstica continua a ser uma realidade grave

este facto não serviu para evitar as consequências. As formas mais graves de violência ocorrem na residência e muitas delas após a separação entre a vítima e o agressor.

O documento divulgado no Dia Internacional pela Eliminação da Violência Contra as Mulheres, que ontem se assinalou, reporta que, à semelhança de todo o território nacional, o distrito bracarense registou uma vítima mortal face às duas mortes relatadas em 2010. Destas apenas um dos casos conheceu sentença judicial este ano, tendo o seu autor sido conde-

nado a 23 anos de prisão e 155 mil euros de multa.

O total de 10 homicídios contabilizados desde 2004 coloca, no entanto, Braga ao nível daqueles em que se registam mais casos, seguindo a par com Castelo Branco, Coimbra, embora abaixo de Faro e Leiria (12 cada); de Viseu (16), de Aveiro (20), de Setúbal (26), do Porto (41) e de Lisboa (56). Em Viana do Castelo não há registo de casos mortais desde 2008, depois de terem sido conhecidas duas mortes de mulheres em 2007 e duas em 2004, mas desde este ano são já 274 assassinatos de

mulheres a nível nacional.

Mais de 20 tentativas de homicídio

Os dados agravam-se e muito no que se refere às tentativas de homicídio. Embora seja apenas apontada uma situação em Braga e outra em Viana, em 2011, o Baixo Minho teve quatro tentativas de assassinato em 2010, que contribuem para os 21 casos de homicídio tentado de mulheres desde 2004, a maior parte das quais vítimas de violência continuada e dependentes financeira ou social-

mente do agressor.

No que se refere às tentativas de homicídio, os dados acumulados dos últimos oito anos indicam que o distrito de Braga supera os vinte casos documentados de Viseu, sendo contudo ultrapassado pelas 35 casos de Aveiro e pelos 52 registos do Porto e 62 de Lisboa. Desde 2004, o relatório divulgado pela União de Mulheres Alternativa e Resposta (UMAR) soma já 321 mulheres vítimas desta forma extrema de violência doméstica em todo o país.

O relatório refere que a maioria das mulheres (70 por cento) foi vítima dos maridos ou de alguém com quem mantinham uma relação de intimidade, pelo que, nos últimos oito anos morreram 241 mulheres nestas circunstâncias. Nove em cada dez crimes aconteceram dentro de casa. As facas continuam a ser o instrumento mais utilizado pelos homicidas, sendo também usadas armas de fogo em 30 por cento dos casos. Este ano, uma em cada três vítimas (35 por cento) tinha mais de 65 anos, sendo comum o agressor ter também mais idade.

Ontem foi também destacada a falta de um serviço espe-

cializado ao qual as vítimas de violência sexual possam recorrer, sendo por vezes encaminhadas para casas-abrigo, onde nem sempre as respostas são suficientes, faltando equipas especializadas que funcionem 24 horas por dia. No ano passado, a Associação de Apoio à Vítima (APAV) registou 237 casos de ofensas sexuais e 87 casos de violência sexual no âmbito da violência doméstica. Mas também recebeu outros 90 casos respeitantes a violência isolada.

As instituições que lidam com estes casos alertam ainda que cada vez mais mulheres vítimas de violência doméstica resistem a refugiar-se numa casa-abrigo, preferindo viver com o agressor a perder o emprego. Para as associações, o fenómeno é agravado pelo facto de ainda serem as vítimas a abandonar o lar, pelo que é necessário «inverter a forma de actuação» para que «quem está em perigo possa ficar em casa e quem é perigoso saia». O projecto piloto das pulseiras electrónicas começou em 2009 e este ano foi alargado a todo o país. Mas a verdade é que é pouco utilizado. Em muitos casos, não vimos a aplicação dessa medida», lamenta.

“Líricas” alertam cidade contra a violência sobre mulheres

A tuna feminina “Líricas” da Universidade Católica de Braga deu, ao início da noite de ontem, um concerto no centro da cidade, como forma de assinalar o Dia Internacional pela Eliminação da Violência Contra as Mulheres. A iniciativa foi realizada no âmbito do projecto “Convergências”, do Programa Operacional para o Potencial Humano, promovido pela Associação Famílias.

O projecto procura sensibilizar e desenvolver a igualdade de género, a luta contra a violência doméstica e a prevenção do tráfico de seres humanos, tendo desenvolvido exposições, spots publicitários, vídeos pedagógicos, entre outros sobre estes temas, explicou ao *Diário do Minho* a responsável Benedita Aguiar.

Neste momento, estão a ser organizados concertos que en-

volvam os estudantes universitários e que procurem sensibilizar a população para estas três áreas de intervenção. As “Líricas” da Católica aderiram de coração à iniciativa e criaram uma letra, subordinado ao tema, que será posteriormente difundida junto de escolas e outras instituições. Estão já programados concertos para o dia 10 e 15 de Dezembro, adiantou Regina Sequeira.



Tuna “Líricas” da Católica deu concerto para sensibilizar população contra a violência

Violência doméstica mata no distrito de Braga

O relatório do Observatório de Mulheres Assassinadas da UMAR, divulgado ontem, dá conta do homicídio de uma mulher, durante o ano de 2011, no distrito de Braga, onde desde 2004 são já dez as vítimas mortais de violência doméstica. No distrito de Viana houve também a tentativa de homicídio de uma mulher, não se tendo registado nenhuma morte.

Braga p.8

LUSA





Justiça Hoje é Dia Internacional pela Eliminação da Violência Contra as Mulheres

Pelo menos 15 condenados por homicídio de mulheres

Desde o início do ano já houve 23 mortes. Justiça parece estar a tratar estes casos com maior celeridade. Pena mais baixa foi de 15 anos

Ana Cristina Pereira

● A pena mais baixa deste ano foi ouvida no Tribunal de Sintra: 15 anos. Entregara-se na GNR: “Dei um tiro à minha mulher e não sei se está viva ou morta”. O tribunal teve em conta “a confissão, o arrependimento e a idade” do homem, de ar frágil, que ia nos 75 anos, menos cinco do que a vítima.

Pelo menos 15 homens foram este ano condenados por homicídios de mulheres. O levantamento feito pelo Observatório de Mulheres Assassina-das é apresentado às 10h30 de hoje, Dia Internacional pela Eliminação de Todas as Formas de Violência Contra as Mulheres, na sede da UMAR - União de Mulheres Alternativa e Resposta, em Lisboa.

Desde 2004, uma equipa passa a imprensa nacional a pente fino em busca de notícias sobre mulheres mortas por alguém com quem mantinham ou tinham mantido uma relação afectiva. Este ano, recorreu ao mesmo método para tentar seguir o rasto dos casos noticiados em 2010 até aos tribunais de primeira instância.

A primeira recolha mostra uma realidade sinuosa: 40 mortes em 2004, 34 em 2005, 36 em 2006, 22 em 2007, 46 em 2008, 29 em 2009, 43 em 2010. Desde 1 de Janeiro deste ano, 23 homicídios e 39 tentativas de homicídio. Para já, é como se não houvesse ligação entre as mortes e as alterações introduzidas no quadro legal ou nas respostas às vítimas de violência.

Na nova recolha, um dado sobressai. As notícias sobre as sentenças dizem respeito aos crimes ocorridos entre Maio e Dezembro, salienta a responsável pelo Observatório, Elisabeth Brasil. Não há notícia de decisão sobre as três mulheres mortas em Janeiro, as duas mortas em Março, as duas mortas em Abril. “Parece que a partir de determinado momento houve uma orientação para se decidir estes casos em tempo útil”, comenta.

Talvez seja um reflexo da interiorização da lei de 2009, segundo a qual os processos por crime de violência doméstica têm natureza urgente. Desde o crime até à decisão do tribunal de primeira instância passaram, em média, dez meses. O processo mais célere tardou seis meses a ter sentença.

Pena máxima: 25 anos

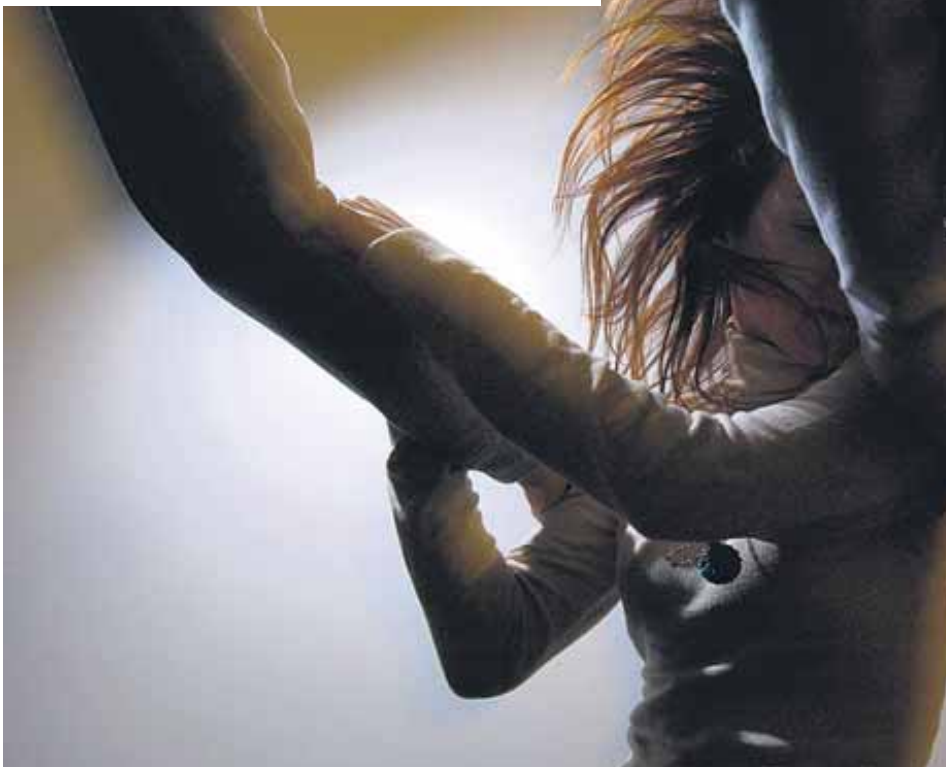
A pena máxima foi decretada pelo Tribunal de Tondela: 25 anos. Um administrativo do hospital local alvejou o pai e a madrastra, depois de a ter atingido uma dezena de vezes na cabeça, na cara e nas mãos, com um machado de cortar e picar carne.

O homem, de 38 anos, vivia com o casal de professores reformados. Na manhã de 27 de Julho teve uma discussão com a madrastra. Não era a primeira vez. Discutiam com frequência há anos. Aquele era o seu primeiro dia de férias. Ela queixou-se a uma vizinha: “A casa vai virar um inferno”. Ainda conseguiu fugir da cozinha. Houve quem a tivesse ouvido pedir socorro, no jardim, já a esvair-se em sangue. O pai pegou no telefone. O filho deu-lhe um tiro no pescoço. Depois, acertou na madrastra.

Falta alguma sensibilidade [aos magistrados] para a gravidade da violência doméstica

Teresa Morais, secretária de Estado da Igualdade

Aos 23 homicídios deste ano somam-se 39 tentativas de homicídio



A secretária de Estado dos Assuntos Parlamentares e da Igualdade, Teresa Morais, acha que é tempo de o país perceber que a violência doméstica mata. Estava numa roda-viva ontem a ultimar os preparativos para o lançamento da nova campanha de sensibilização (ver caixa). Prometia choque: “Não tenho memória de uma campanha, em Portugal, que tenha abordado aquilo que pode ser a fase final da vida de uma vítima de violência doméstica”.

Casos exemplares

Os casos noticiados no ano em curso são exemplares. “Cruzando a prevalência do homicídio com as relações de conjugalidade ou de intimidade, verificamos que 61% das mulheres assassinadas em 2011 foi vítima de violência naquela relação”, lê-se no relatório, a que o PÚBLICO teve acesso.

Às vezes, acumulam-se queixas. Às vezes, até já houve separação. Três vítimas deste ano sucumbiram às mãos de homens de quem já se tinham separado. No ano passado, foram oito.

“Acho que ainda há alguma ligeireza na forma como os magistrados encaram estas situações”, admite Teresa Morais. “Falta-lhes alguma sensibilidade para a gravidade da violência doméstica. A suspensão da pena surge, muitas vezes, em momentos em que ainda há risco para a vítima.”

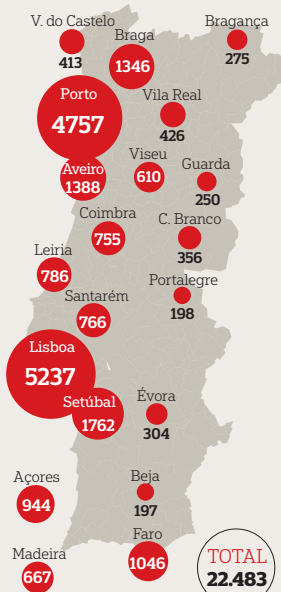
O último relatório do Ministério da Administração Interna dá uma ideia

Polícias estão a receber 83 denúncias por dia

Mais de metade dos casos em Lisboa, Porto e Setúbal

Nos primeiros nove meses deste ano, a PSP e a GNR registaram 22.483 queixas por violência doméstica — um número que equivale, em média, a 2498 participações por mês e 83 por dia. Na lista de distritos em que ocorrem mais casos, Lisboa surge em primeiro lugar, com 5237 participações, seguido do Porto (4757) e Setúbal (1762). Juntos, estes três distritos representam mais de metade das participações às polícias em todo o país. Em último lugar estão os distritos de Beja (197) e Portalegre (198). A violência doméstica, segundo dados do Relatório Anual de Segurança Interna (IASI) de 2010, é o 5.º crime mais participado em Portugal. As forças de segurança contam, actualmente, com cerca de mil elementos com formação especializada para este tipo de crime. Segundo dados do Ministério da Administração Interna, desde 2000, altura em que a violência doméstica passou a ser crime público, que se assistiu a um aumento das participações, embora esta tendência tenha desacelerado nos últimos dois anos. Maria José Oliveira

Dados dos primeiros nove meses de 2009



Fonte: Ministério da Administração Interna



CARLA CARVALHO TOMÁS

Prioridade para secretária de Estado

Campanha lançada hoje para “chocar” o país

● “É um caso de vida ou morte.” A frase vai andar por aí – em jornais, revistas, televisões, salas de cinema, centros de saúde, hospitais, ruas das principais cidades. A campanha – concebida por uma agência de comunicação e divulgada pelos *media* de graça –

é apresentada às 15h de hoje, no Hospital Amadora-Sintra, em Lisboa.

A estratégia, admite a secretária de Estado da Igualdade, Teresa Morais, é de “choque”. Não quer desvalorizar campanhas anteriores, mas acha que “está na altura de fazer algo mais

impressionante” – para a população em geral e para as vítimas de violência em particular: “Há muitas mulheres com trajetórias de violência de décadas porque acreditam que os homens vão mudar. Queremos que elas deixem de acreditar nisso. A regra

não é essa. E o risco é muito grande”.

A luta contra a violência doméstica é, para Teresa Morais, uma “prioridade”. “Por maior que seja a crise, não há cortes; pelo contrário, há um reforço do trabalho feito, porque o que se passa é bárbaro”, remata. **A.C.P.**

da profundidade do fosso: 14.508 participações de violência doméstica no primeiro semestre; no mesmo período, 28 condenações – apenas uma de prisão efectiva.

Duas condenações foram obtidas pela advogada Filomena Neto. “Não é fácil”, avalia. É um crime que tende a ocorrer entre quatro paredes. Amiúde, há apenas a palavra de um contra a palavra do outro. Isolar a vítima é uma estratégia típica. E o silêncio até pode beneficiar o agressor. “Se era agredida há tantos anos, porque não disse?”

Em cada história, um turbilhão de sentimentos contraditórios. Os processos arrastam-se. Se a mulher se cala: arquivo. E nem sempre o silêncio é sinónimo de reconciliação. “Às vezes, usam-no como moeda de troca”, observa Filomena Neto. Pode haver outros processos em jogo – regulação de poder paternal, divórcio, divisão de bens.

O que mais a inquieta é verificar que os comportamentos violentos tanto acontecem no seio de casais de 30, 40, 50 anos, como nos de 14,15, 16. Lembra-se de um caso de uma miúda de 16. Os pais mandaram-na para o estrangeiro. O “ex” ameaçava publicar na Internet fotografias dela sem roupa. “Namoravam desde os 13. Ele condicionou-a sempre – roupas, amigos, saídas.” E é por casos como esse que defende um trabalho a sério nas escolas – com o alto patrocínio do Presidente da República, de preferência.

Mulheres: marcha contra a violência

Portugal recebe, pela primeira vez, uma Marcha pelo Fim da Violência contra as Mulheres. A iniciativa decorre hoje, às 17h, entre o Largo de Camões, e o Rossio, e junta 60 entidades entre associações, partidos políticos e instituições governamentais.

Esta luta marca o Dia Internacional para a Eliminação da Violência contra as mulheres que hoje se assinala. O lema é “Não somos cúmplices nem indiferentes! Nem mais uma. Estamos vigilantes!”, disse a organização ao **metro**. Esta é uma iniciativa da União de Mulheres Alternativa e Resposta (UMAR), Comunidade – Associação de Integração de Migrantes e Minorias Étnicas e movimento SlutWalk Lisboa.

A marcha surge da urgência de “sensibilizar a sociedade para o fenómeno da violência de género”



ANDRÉ NACHO

Saiba mais sobre a iniciativa no blog da organização
<http://marchafimviolencia.blogs.sapo.pt>

adianta ainda. “É imperativo que se comecem a adoptar, de forma rigorosa e generalizada, os mecanismos necessários para combater as opressões de género, articuladas com opressões económico-sociais, de etnia, identidade de género, nacionalidade, orientação sexual e outras”.

PATRÍCIA TADEIA

último comentário

“ Ou seja... assim é que se vê a verdadeira...”

por José Santos



"Durante décadas habituámo-nos a ver a democracia enquanto um ponto final. E se foi apenas um parêntesis?"

ALBERTO GONÇALVES, SOCIÓLOGO NA REVISTA 'SÁBADO'



ACTUALIDADE	MULTIMÉDIA	TSF-MADEIRA	DÊ NOTÍCIAS	EDIÇÃO IMPRESSA	BLOGS	LAZ3R	SERVIÇOS	MALTA	CLASSIFICADOS
MADEIRA	POLÍTICA	ECONOMIA	PAÍS	MUNDO	5 SENTIDOS	DESPORTO	OPINIÃO	DOSSIERS	MAPA DE NOTÍCIAS
Blog: Plano de Resgate Assuntos Parlamentares Porto Santo Justiça DIÁRIO das escolas									

APAV lança campanha contra a violência doméstica

24/11/2011 21:18

Artur de Freitas Sousa

A Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV) lança sexta-feira uma nova campanha de sensibilização contra a violência doméstica. No dia em que entidades públicas e organizações não governamentais assinala o Dia Internacional para a Eliminação da Violência Contra as Mulheres a APAV reitera o apelo à denúncia de situações de violência, em particular a doméstica.

A campanha, em parceria com a EuroSCG recorre a diversas mensagens.

O lançamento ocorrerá em Lisboa, com uma acção de rua junto à estação de Metro do Marquês de Pombal.

Etiquetas

APAV, campanha, Violência doméstica

Ferramentas

Gosto

+ a a - a

Interessante

Achou este artigo interessante?

Cancelar o voto

Rate

Mensagens da campanha

“Em 2010 31.679* mulheres caíram e bateram com a cara no lavatório em 3 locais diferentes.”

“Em 2010 31.679* mulheres tropeçaram e bateram em cheio na maçaneta da porta.”

“Em 2010 3.701* crianças caíram das escadas várias vezes seguidas.”

“E milhares de portugueses continuam a fingir que não vêem. Todos os dias mulheres são vítimas de violência doméstica. Não contribua para que esta situação continue. Quebre o silêncio.”

Comentários

Escrever comentário

Este espaço é destinado à construção de ideias e à expressão de opinião.
Pretende-se um fórum constructivo e de reflexão, não um cenário de ataques aos pensamentos contrários.

Nome: *

O nome que será apresentado como autor do comentário.

Correio electrónico: *

O conteúdo deste campo é privado e não será exibido publicamente.

Comentar: *

☐ Notificar-me por correio electrónico quando existirem novos comentários.

☐ Aceito os termos descritos na página de [termos e condições de utilização](#).

alanorte
MEDIAÇÃO IMOBILIÁRIA, LDA

A

UMA IMOBILIÁRIA
COM ROSTO

☎ 276 301 590
☎ 276 301 600
www.alanorte.com

ÓPTICA+

LENSES
Essilor

Consultas de:
Oftalmologia
Contactologia
Optometria

Tel.: 276 323 523

Debate sobre violência incentiva jovens a ter coragem para quebrar o silêncio

Por ocasião do Dia Internacional para a Eliminação da Violência contra as Mulheres, assinalado a 25 de Novembro, a 1ª edição das “Tertúlias da Saúde” reflectiu sobre o tema da violência no namoro perante uma plateia de jovens estudantes do ensino secundário.

“Sabiam que um em cada quatro jovens já foi vítima de violência no namoro?”. Foi desta forma que as técnicas da Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV) de Vila Real, Ana Coutinho e Filipa Pereira, chamaram a atenção de jovens estudantes para a pertinência do tema, que esteve em debate na passada segunda-feira, 28 de Novembro, no auditório GATAT, em Chaves. Além do debate, os alunos do Curso Profissional de Técnico de Design Gráfico da escola



Tertúlia visou alertar os jovens para um problema social mais comum do que aquilo que se pensa

SOCIEDADE



Dia Internacional para a Eliminação da Violência Contra as Mulheres

Este ano morreram 23 mulheres vítimas de violência doméstica

2011-11-25 11:29:50

Lisboa – Assinala-se esta sexta-feira Dia Internacional para a Eliminação da Violência Contra as Mulheres a APAV. De acordo com o Observatório de Mulheres Assassinadas (OMA), este ano morreram, em Portugal, 23 mulheres, vítimas de violência doméstica.

Assinala-se esta sexta-feira o Dia Internacional para a Eliminação da Violência Contra as Mulheres. De acordo com um relatório da OMA, este ano, já morreram em Portugal, 23 mulheres vítimas de violência doméstica, cerca de 70%, foi vítima dos maridos ou de alguém com quem mantinham uma relação de intimidade realçando o estudo que «as formas mais graves de violência contra as mulheres ocorrem nas suas residências, muitas delas após a separação entre a vítima e o agressor».

Nove em cada dez crimes aconteceram dentro de casa com as facas a continuarem a ser o instrumento mais utilizado pelos homicidas, sendo que em 30 por cento dos casos também foram usadas armas de fogo.

Embora o número de vítimas tenha descido quase para metade relativamente ao ano anterior, se os casos de morte diminuíram, as tentativas de homicídio aumentaram em relação ao ano passado: até 11 de Novembro foram identificadas 39 tentativas, sendo que em 54 por cento dos casos os autores eram os companheiros das vítimas e em 36 por cento das situações as relações já haviam terminado.